

A IMPORTÂNCIA DOS ASPETOS INSTRUCIONAIS NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

“A busca permanente no caminho certo”

Relatório de Estágio Profissional

Relatório de Estágio Profissional, apresentado com vista à obtenção do 2o Ciclo de Estudos conducente ao Grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, ao abrigo do Decreto- Lei 74/2006, de 24 de março, na redação dada pelo Decreto-Lei 65/2018, de 16 de agosto e do Decreto-Lei no 79/2014 de 14 de maio

Orientador: Professor Doutor Amândio Graça

Fábio Alberto Taborda

Porto, 2022

Ficha de Catalogação

Taborda, F. (2022). A importância dos aspetos instrucionais na relação professor-aluno. Porto: Taborda, F. Relatório de Estágio Profissionalizante para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS CHAVE: REFLEXÃO, MOTIVAÇÃO; ALUNOS; EDUCAÇÃO FÍSICA; PARTILHA; PROCESSO ENSINO- APRENDIZAGEM

Dedicatória

À minha família, por serem os meus alicerces durante a minha caminhada.

A duas pessoas inigualáveis, a minha mãe e o meu avô, a pessoa que sou
hoje é devido a eles.

Aos meus amigos mais próximos, por preencherem o meu coração.

Agradecimentos

Este é mais um passo na minha caminhada, contando com o apoio de pessoas muito especiais. Um eterno agradecimento:

À minha família, por ser o meu alicerce durante todo este percurso, e por nunca me faltar com nada. O que sou hoje, devo a vocês.

Ao meu avô, Lau, por ser um verdadeiro Pai. Não tenho palavras para descrever o amor que sinto por ti, um orgulho em ser teu neto.

À minha mãe, Zezinha, pela presença assídua nos vários momentos da minha vida, funcionando como uma bússola, quando me sinto perdido está lá sempre.

Ao meu tio, por me incentivar nas minhas aventuras e pela confiança que deposita em mim.

Aos meus colegas de casa, Xico e Pina, por me acompanharem desde o início, por serem dos melhores colegas de casa que poderia ter e por me confortarem nos piores momentos.

À minha amiga e companheira, Andreia Francisca, “Xica”, por tudo o que faz por mim, é uma sorte tê-la ao meu lado.

Ao meu amigo Bruno Janu, pelos grandes momentos vividos durante a licenciatura e por deixar a sua marca no meu coração.

Ao meu amigo Ivo Barreto, companheiro de todas as horas e para tudo, uma amizade muito singular que construímos e que, certamente, irá durar para sempre.

Ao grupo de mestrado, “Chalosa”, Leite e Ivo, pelos vários momentos e obstáculos ultrapassados juntos, grandes noites em frente ao PC.

Ao meu amigo João Gandaio, por ser um dos melhores conselheiros e me fazer perceber a vida de uma forma diferente, “Meu PAI”.

Ao Tiago Rodrigues, por me transmitir a sua paixão pelo futebol, alimentando ainda mais o bichinho da bola.

Ao grupo do Pincel do João, por todos os momentos vividos, pela amizade sentida neste grupo e por fazerem parte da minha vida.

Ao meu amigo André por ser quem é, uma pessoa pura, bem-disposta e humilde.

Ao meu amigo Pedro Nascimento, por todos os momentos vividos, pelo companheirismo e pelos vários momentos de partilha de ideias.

À AE FADEUP, pela oportunidade e confiança depositada em mim. Foram vários os momentos vividos ao serviço desta associação.

À minha cara colega Madalena, “Leninha”, por ter um papel especial nesta luta diária, transmitindo-me confiança e muito carinho.

Ao Professor Orientador Amândio Graça, pela sua simplicidade e forma de estar contagiante, um verdadeiro senhor da educação, que me permitiu olhar para este mundo com outros olhos.

À nossa Professora Cooperante, Helena Abrunhosa, pela disponibilidade ao longo do ano letivo e por ser uma pessoa apaixonada por aquilo que faz. Com a professora tudo é possível, é só nós querermos.

Aos meus alunos, em especial, à turma do 8ºA, que me proporcionou um ano incrível, recheado de bons momentos. Sem dúvida, uma turma que ficará marcada pela positiva. Obrigado, campeões

Índice

Agradecimentos	V
Índice de Anexos	XIII
Resumo.....	XV
Abstract.....	XVII
Abreviaturas	XIX
Introdução.....	1
Enquadramento Legal e Institucional do Estágio Profissional.....	3
Enquadramento Pessoal.....	4
Autobiografia.....	4
Percurso como Desportista.....	6
A Expectativa num Caminho Delineado	8
A primeira é sempre especial - Escola Pêro Vaz de Caminha	10
Os vários intervenientes nesta aventura.....	12
Núcleo de Estágio	12
Turma Residente.....	14
Turma Partilhada.....	16
Turma 1º Ciclo	18
Backstage da Prática Profissional.....	21
Área 1- Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem	21
Alguns Conceitos	21
Programas Nacionais.....	23
O Momento de Planear.....	25
Planeamento Anual	25
Unidade Didática.....	27
Plano de Aula	29

Vetores Chave da Ação.....	31
Apresentação das Regras do Jogo.....	32
Gestão e Comunicação	33
Clima e Controlo da Turma, estratégias adotadas.....	37
Modelos de Ensino.....	39
Modelo de Instrução Direta.....	40
Ensino dos Jogos para a Compreensão (MEJC)	42
Alguns ingredientes do MED (Modelo de Educação Desportiva)	44
A observação- “Um outro olhar”	47
Momento de Avaliar.....	49
Área 2 – Participação na Escola e Relação com a Comunidade.....	52
Desporto Escolar- “O rebuçado para os alunos”	52
Atividades não letivas ao longo do ano letivo.....	54
Último encontro > Roteiro a Viana do Castelo	54
A Relação com a Comunidade	57
Área 3 – Desenvolvimento Profissional.....	60
Uma maior/menor motivação nas aulas de Educação Física: Estudo sobre os fatores e causas que influenciaram a perspetiva dos alunos.....	60
Introdução	60
Enquadramento do Estudo.....	61
Material e Métodos.....	64
Apresentação e Discussão de Resultados	65
A Importância de aulas não repetitivas, um dos Desafios do Professor	67
A Atmosfera criada e o Relacionamento entre os vários Intervenientes	68
O sentimento de Competência na Tarefa Prazerosa.....	69

A Aparência e a Cultura desportiva, influenciadores na Motivação alunos.....	71
A Importância da “Balança Competição” estar equilibrada	72
Os Rapazes como facilitadores na Integração das raparigas.....	73
A Crítica Construtiva e não depreciativa.....	74
Conclusões do Estudo.....	77
Bibliografia Estudo.....	79
Conclusão Geral	81
Bibliografia	83
ANEXOS	XXI

Índice de Figuras

Figura 1 - Apresentação pessoal.....	5
Figura 2 - Conquistas como desportista	7
Figura 3 - Entrada da EB2/3 Pero Vaz de Caminha.....	11
Figura 4 - Núcleo de estágio.....	13
Figura 5 - Turma residente.....	15
Figura 6 - Turma partilhada.....	17
Figura 7 - Turma 1º ciclo	19
Figura 8 - Visita à cidade de Viana do Castelo.....	56
Figura 9 - Relação com a comunidade	59
Figura 10 - Composição da turma do 8º ano por sexo e idade	65
Figura 11 - Dados relativos ao questionário aplicado, percentagem das várias respostas ao questionário sobre a motivação.....	66

Índice de Anexos

Anexo 1 – Plano Anual

Anexo 2 – Exemplar de duas Unidades Didáticas

Anexo 3 – Exemplar de Plano de Aula

Anexo 4 – Questionário Aplicado

Anexo 5 – Cartaz do Desporto Escolar

Resumo

O Estágio Profissional inserido no segundo ano do Mestrado de Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário, permite ao aluno vivenciar a verdadeira realidade de um docente na escola, colocando em prática todo o conhecimento adquirido até ao momento, criar relações de proximidade com os vários intervenientes, continuar a construir a sua própria identidade, enquanto futuro professor de educação física, ultrapassar as adversidades que a escola tem para lhe oferecer e, por fim, deixar o seu cunho pessoal no decorrer desta caminhada. De forma a tornar a formação ainda mais completa, surge a realização deste relatório, onde o estudante vai procurar relatar um pouco da sua experiência ao longo do ano letivo, apresentar as suas expectativas em relação a esta nova realidade, sustentar o conteúdo com a literatura, aproximando a sua realidade à bibliografia existente e, finalmente, o estudo de investigação, relacionado com a motivação dos alunos na disciplina de Educação Física.

Em relação à escola, esta insere-se no programa TEIP- Território Escolar de Intervenção Prioritária, situa-se na cidade do Porto, numa zona social e economicamente mais desfavorecida, uma característica que tornou esta caminhada ainda mais desafiante. Desde início percebi que as primeiras semanas iriam ser muito importantes para perceber o tipo de alunos que iria encontrar nos próximos tempos, uma compreensão que iria abrir muitas portas para o sucesso de ambas as partes. Durante a caminhada procurei perceber as várias dinâmicas criadas na escola, os relacionamentos no interior e com a comunidade e, sempre que possível, auxiliei nas várias atividades realizadas ao longo do ano.

A atmosfera vivida na escola e o relacionamento com os vários intervenientes eram tão significativos que tornava o processo mais especial e ao mesmo tempo familiar.

PALAVRAS CHAVE: REFLEXÃO, MOTIVAÇÃO; ALUNOS; EDUCAÇÃO FÍSICA; PARTILHA; PROCESSO ENSINO- APRENDIZAGEM

Abstract

The Professional Internship inserted in the second year of the Master's Degree in Teaching Physical Education in Primary and Secondary Education, allows students to experience the true reality of a teacher at school, putting into practice all the knowledge acquired so far, creating close relationships with the various stakeholders, continuing building their own identity as a future teacher of physical education, overcoming the adversities that the school has to offer and finally leaving their own mark during this journey. In order to make the formation even more complete, this report is made, where the student will try to report a little of his experience throughout the school year, present his expectations in relation to this new reality, support the content with the literature, approaching his reality to the existing bibliography and, finally, the research study, related to the motivation of students in the Physical Education subject.

Regarding the school, it is part of the TEIP program - School Territory of Priority Intervention, it is located in the city of Porto, in a socially and economically disadvantaged area, a characteristic that made this journey even more challenging. From the beginning I realized that the first weeks would be very important to understand the type of students I would meet in the near future, an understanding that would open many doors for the success of both parties. During this process I tried to understand the various dynamics created at the school, the relationships within and with the community and, whenever possible, I took part in the various activities carried out throughout the year.

Finally, the atmosphere in the school and the relationships with the various stakeholders were so significant that it made the process more special and at the same time familiar.

KEYWORDS: REFLECTION, MOTIVATION; STUDENTS; PHYSICAL EDUCATION; SHARING; TEACHING-LEARNING PROCESS

Abreviaturas

EF- Educação Física

MED- Modelo de Educação Desportiva

MEJC- Modelo de Ensino de Jogos para a Compreensão

MID- Modelo de Instrução Direta

TEIP- Territórios Educativos de Intervenção Prioritária

FADEUP- Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

EP- Estágio Profissional

REP- Relatório de Estágio Profissional

PEE- Projeto Educativo Escola

PES- Prática do Ensino Supervisionado

AD- Avaliação Diagnóstica

AF- Avaliação Formativa

AS- Avaliação Sumativa

NE- Núcleo de Estágio

PA- Plano Anual

PC- Professora Cooperante

PO- Professor Orientador

TP- Turma Partilhada

TR- Turma Residente

UD- Unidade Didática

CAP- Campeonato Académico do Porto

PNEF- Programa Nacional de Educação Física

Introdução

O presente Relatório de Estágio enquadra-se no segundo ano de Mestrado de EF nos Ensinos Básicos e Secundário, existindo, tal como o próprio nome indica, uma aproximação com o Estágio Profissional desenvolvido ao longo do último ano letivo, permitindo ao estudante relatar as várias vivências sentidas ao longo desta caminhada, falar sobre o lado pessoal e a influência dos seus antepassados na opção do curso, os pontos de vista sobre as várias dimensões presentes no mundo educacional e a continuação da construção de uma identidade que permita ter sucesso num futuro próximo. Neste último ano tive a possibilidade de colocar em prática o conhecimento e as ideias que imperavam dentro de mim, perceber se realmente estava a traçar o caminho certo, se os vários contextos idealizados tinham ligação com os objetivos propostos e, acima de tudo, de perceber se estava preparado para me adaptar e reinventar ao longo desta aventura. Neste sentido, contei com a ajuda dos vários intervenientes da escola, desde o pessoal docente ao não docente. No entanto, existiu um grupo que tornou esta aventura ainda mais especial, nomeadamente, os meus colegas de estágio, a nossa professora cooperante e o nosso orientador de estágio. Foram estas as pessoas que marcaram a minha primeira aventura no mundo da educação. Com eles consegui ter uma melhor perceção do trabalho que estava a desenvolver em grupo. A professora cooperante e o orientador de estágio (“as nossas bússolas”) tiveram um papel preponderante no crescimento de cada um de nós, não esquecendo os alunos, já que são eles que dão vida a todo o planeamento desenvolvido e os responsáveis pelas várias reflexões no final das aulas sobre o que correu melhor ou menos bem.

Em relação à estrutura do relatório, este está dividido em capítulos e subcapítulos. Numa fase inicial, direccionados para o lado pessoal, os meus antepassados e expectativas em relação a este ano de estágio. Nos seguintes, é realizado um enquadramento institucional, a contextualização da escola cooperante e sua envolvência, os vários intervenientes nesta aventura, desde o pessoal docente ao não docente e a caracterização das turmas em que tive a possibilidade de intervir, duas como professor residente e uma em que partilhei com os meus colegas de estágio. Ao longo do relatório existe uma aproximação

à prática real em que existe um capítulo designado por “Backstage da Prática Profissional”, que possui uma maior dimensão que os restantes, dada a quantidade de informação revelada, conceções da ação, os vários momentos de planeamento, alguns vetores chave fundamentais na minha instrução e os modelos de ensino adotados, finalizando com dois subcapítulos essenciais para o crescimento do estudante estagiário: a observação e o momento de avaliação. A designada “Área 2”, relata um pouco sobre a relação que a escola teve com a comunidade, mais concretamente, as várias atividades que o núcleo de EF conseguiu proporcionar aos alunos. De realçar o importante papel que a nossa professora cooperante teve neste capítulo, pelo facto da grande maioria das atividades terem sido da sua autoria, contando sempre com a colaboração dos estudantes estagiários.

Por último, no âmbito da área 3, “Desenvolvimento Profissional”, encontra-se plasmado o momento de investigação, a realização de um estudo sobre uma temática em concreto. No meu caso, incidiu sobre a motivação dos alunos, perceber quais as causas e fatores que contribuíam para as mudanças, a nível motivacional, dos alunos. No último capítulo, conclusões e sugestões, faço um balanço desta caminhada ao lado de pessoas muito importantes para o meu crescimento e deixo algumas sugestões para os futuros leitores.

Enquadramento Legal e Institucional do Estágio Profissional

O estágio profissional, é uma das unidades curriculares do 2º ciclo de estudos, incorporada no mestrado de ensino em EF nos ensinos básico e secundário. Nesta unidade curricular estão presentes dois momentos de grande relevo, a prática do ensino supervisionado (PES) e o relatório de estágio profissional (REP). Em relação ao primeiro, tem como grande objetivo a aproximação do aluno estagiário à prática profissional. Durante um ano letivo, o aluno poderá começar a estruturar a sua identidade enquanto professor, conhecer melhor o envolvimento da escola, relacionar-se com os vários intervenientes e, desta forma, começar a desenvolver capacidades que o façam ter sucesso no futuro. O estágio supervisionado, permite aos alunos uma ligação entre a teoria e a prática, acrescentando o carácter reflexivo durante a prática profissional. Barros et. al. (2011). No segundo momento, o aluno estagiário, tem de realizar um documento de carácter reflexivo e investigativo, onde explore ao máximo a sua caminhada durante o ano de estágio, nunca esquecendo as orientações lançadas pela faculdade.

O EP visa a integração do estudante no exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada, permitindo aquisição de competências profissionais, marcadas por um desempenho crítico e reflexivo. Estas competências profissionais, referem-se ao Perfil Geral de Desempenho do Educador e do Professor (Decreto-lei nº 240/2001 de 17 de agosto). Toda a estrutura do estágio profissional e a forma como este funciona estão de acordo com as orientações legais do Decreto-lei n.º 74/2006 de 24 de março e o Decreto-Lei n.º 79/2014 de 14 de maio.

Em relação ao programa vivenciado pelos estudantes estagiários, este traz consigo três grandes áreas, a primeira diz respeito à ação em si, ou seja, as várias conceções (o planeamento, a realização e avaliação); a segunda corresponde às ligações da instituição com a comunidade e, a última, ao desenvolvimento profissional, onde iremos promover o sentido de pertença e identidade profissional, a colaboração e a abertura à inovação. O estágio

profissional, se for realizado de forma delineada e pensada, é um marco muito importante no processo de formação dos futuros docentes. Felício e Oliveira (2008)

Enquadramento Pessoal

Autobiografia

No dia 22 de outubro de 1998, ao final da tarde, a minha família teve o privilégio de acolher um novo ser vivo no seu seio familiar. Desde sempre, que vivo com a minha mãe e os meus avós, a eles devo tudo o que sou hoje, um obrigado não chega por tudo o que fizeram e fazem por mim. Desde muito cedo que a paixão pelo mundo do futebol se tornou visível para toda a minha família e amigos. Com aquele objeto, a bola de futebol, criei uma relação de proximidade que sou incapaz de transcrever, uma paixão que ainda hoje não consigo qualificar. Com os meus seis/sete anos, saía de casa com bola debaixo do braço e ia para o chamado “jardim dos patos”, onde passava tardes inteiras a jogar futebol com os meus amigos. A minha família sempre me acompanhou nesta aventura do futebol, em especial o meu avô, que me acompanhava nas longas tardes a jogar futebol com os amigos e, até hoje, sempre que consegue está presente nos momentos preponderantes da minha caminhada desportiva.

Em relação à minha personalidade, posso dizer que sou extrovertido, bastante comunicativo, amigo do amigo, brincalhão, criativo e, acima de tudo, humilde. Uma pessoa que respira e transpira desporto no seu dia a dia. A minha forma de estar no mundo do desporto levo-a para a minha vida pessoal e profissional, tornando-se assim uma forma de estar. Durante o meu percurso escolar tive a sorte de frequentar sempre a mesma casa, o Colégio do Minho, uma escola na região de Viana do Castelo, em que a minha família apostou para a minha formação. Neste colégio foram-me transmitidos valores, princípios e crenças que, ainda hoje, fazem parte da minha identidade. No momento de começarmos a fazer escolhas acerca do nosso futuro, na minha cabeça só havia

espaço para algo relacionado com o desporto e, mais tarde, o meu grande objetivo passou por ingressar na melhor faculdade do país, a FADEUP.

A licenciatura foi um período marcante para mim, levou-me a perceber o que realmente queria na área do desporto e uma nova paixão apoderou-se do meu coração, a transmissão de conhecimento aos mais novos, concretamente como treinador de futebol de formação. Foi no segundo ano da licenciatura que tive a oportunidade de iniciar a minha aventura, enquanto treinador de formação, numa equipa do distrito de Viana do Castelo. Foi neste período da minha vida que o bichinho de ser treinador começou a soltar-se no meu interior. A forma como me sentia no treino, o à-vontade que tinha com as crianças e a mistura de sensações enquanto conduzia o treino, gerava em mim um sentimento de pertença, ao qual não fiquei indiferente. Com o passar dos anos tive o privilégio de poder continuar este caminho enquanto treinador de formação, passando por mais dois clubes, da região do Porto. Neste momento, encontro-me à frente de uma equipa de Sub.13 e adjunto no escalão Sub.19, uma experiência muito enriquecedora e de preparação para o meu futuro. Tudo isto, para dizer que foi a partir da experiência como treinador que a escolha do mestrado de ensino se tornou óbvia. Uma área onde contribuímos para a educação dos nossos futuros profissionais, transmitindo valores, normas e crenças, indispensáveis na sociedade contemporânea.

Até ao momento não me arrependo de nenhuma escolha, estou a viver um dos melhores anos da minha vida, apesar de estar a ser stressante e desafiador, mantenho-me ligado à educação e ao desporto, dois mundos que me fascinam.



Figura 1 – Apresentação Pessoal

Percurso como Desportista

Enquanto desportista posso dizer que já percorri alguns clubes, e já vivenciei momentos que jamais irei esquecer em toda a minha vida. Tudo o que vou falar neste subcapítulo, de certa forma, teve influência nas escolhas que fiz até ao momento: a paixão que foi crescendo pelo mundo do desporto, os vários momentos vividos em cada instituição e os vários intervenientes com quem tive a oportunidade de partilhar opiniões e reformular ideais.

Na minha formação passei por dois clubes, o primeiro uma academia ligada à instituição Sporting Clube de Portugal e o segundo o clube da minha terra, o Sport Clube Vianense. No primeiro, o contexto era muito diferente do que realmente queria, como era uma academia recente não havia competição, então passava muito pela evolução dos miúdos e em algumas semanas participávamos em torneios entre academias. No clube da minha terra tive a oportunidade de perceber um contexto completamente diferente, em que treinava durante a semana para chegar ao sábado e competir pelos três pontos, havendo, portanto, um trabalho que englobava o desenvolvimento do atleta e a preparação de uma ideia de jogo defendida pelo treinador. Neste último clube, tive o privilégio de realizar a famosa dobradinha, conquistando o campeonato distrital e a respetiva taça, colocando o clube nos campeonatos nacionais. Após concluir a formação, ingressei num clube da segunda distrital de Viana, o Darquense, primeiro clube enquanto sénior, clube que me permitiu iniciar a minha carreira de treinador. No ano seguinte, ano de estágio, decidi não jogar futebol, o receio de colocar em causa o mesmo foi o principal motivo desta decisão. No entanto, o destino disse que não poderia ser assim e surgiu a oportunidade de experimentar uma nova modalidade, futebol de praia, uma das minhas maiores paixões, talvez tão grande como a do futebol. Nesta época tive o privilégio de representar uma grande instituição, o Boavista Futebol Clube. Foi um ano de muita aprendizagem e adaptação à modalidade, que consegui prolongar por mais um ano. Nesse segundo ano de futebol de praia, consegui atingir uma etapa muito importante na minha caminhada, participar numas das maiores competições da modalidade, a liga dos campeões (Euro Winners Cup)

por uma equipa estrangeira. No ano seguinte, devido ao Covid-19, tive a oportunidade de voltar a jogar futebol, representando uma equipa da primeira distrital do porto, Futebol Clube Perafita, um clube onde fiz boas amizades, mantendo uma boa ligação até aos dias de hoje. Nesse mesmo ano, no futebol de praia, surgiu a oportunidade de representar outro clube, acabando por assinar pela ADCR Caxinas, um clube que me conquistou pela sua gente e pelo inigualável espírito caxineiro, onde não há desculpas para nada, onde nunca viram a cara à luta e onde há, acima de tudo, humildade em tudo o que fazem. Com esta equipa tive o privilégio de jogar novamente a liga dos campeões e de poder competir contra os melhores do mundo nesta modalidade. Este é meu percurso fora da universidade, no entanto, pela universidade, conquistei várias medalhas e vivi momentos muito gratificantes e que me fizeram crescer enquanto pessoa. Até ao momento, já fui campeão duas vezes pela equipa de futebol de praia da universidade do porto, uma vez campeão na equipa de futebol de 7 e já ganhei a taça dos CAP (Campeonato Académicos do Porto) pela minha faculdade em futebol de 11 e futsal, um dia que jamais esquecerei, onde tive o privilégio de contribuir nos dois jogos com um golo em cada.

O percurso que realizei até aqui deixa-me muito orgulhoso e com vontade de mais conquistas. A caminhada é dura, mas com um passado assim torna-se mais fácil ultrapassar barreiras.



Figura 2 - Conquistas como Desportista

A Expectativa num Caminho Delineado

A escolha deste caminho foi-me possível quando iniciei a aventura de treinador de formação, as similaridades existentes entre os dois mundos, o contacto com as crianças e a transmissão de conhecimento, fez acender uma luzinha no meu interior, que dizia que o meu futuro passava por este ramo, o da educação. A partir do meu segundo ano de licenciatura, o meu caminho ficou mais iluminado ao ponto de ver qual era o próximo trilho a realizar, pelo menos o mais desafiador e apaixonante.

Na verdade, foi no meu segundo ano que tive a oportunidade de abraçar um projeto enquanto treinador de formação, onde poderia colocar as minhas ideias em prática, planejar um projeto para um grupo de trabalho em função de um objetivo, avaliar o processo de forma a otimizá-lo e assim conseguir cumprir com o objetivo, ou seja, um conjunto de situações que me estimulava a ser cada dia melhor e a trazer novas ferramentas para o dia a dia. Para Araújo (1997) o treinador para além da função de orientador ao longo do processo, deve-se fazer sentir nos domínios desportivos, pedagógicos e sociais (Parente 2015). Com o decorrer do tempo, chegou a fase em que tive de voltar a fazer escolhas, para além de ter ambição de crescer no mundo do alto rendimento sentia que precisava de alargar o meu espetro, um contexto onde o relacionamento interpessoal fosse importante, a idealização de ideias e a colocação das mesmas em prática fosse possível e a troca de ideias guiasse o rumo de todo o processo. Após esta pequena análise e de alguns momentos de diálogo com a minha família, o mundo da educação tronou-se uma realidade bastante viável. Inclusivamente, no momento das candidaturas a minha única opção era ensino, descartando qualquer outra.

Na verdade, após a entrada no mestrado de ensino começaram a surgir na minha cabeça algumas curiosidades e interrogações sobre como seria esta nova aventura enquanto professor estagiário de EF. Como iria ser a relação com a professora cooperante e o meu orientador? A ligação com os meus colegas de estágio? A relação com os alunos nos diferentes momentos do ano? A afinidade que iria criar com o pessoal não docente e com os restantes professores da escola, de forma a ter um maior auxílio no decorrer do processo. Em relação à

minha professora cooperante, esperava um auxílio em todos os sentidos: na clarificação de todo o processo desenvolvido na escola, na ajuda às minhas dificuldades ao longo do ano letivo, e a passagem da sua experiência, ou seja, nos vários momentos de indecisão fazer-me perceber qual a melhor solução, dando-me o seu ponto de vista e não a solução. Com os meu colegas de estágio, o principal desejo era criar uma relação de simbiose, onde a partilha e os ideais estivessem presentes dia após dia, permitindo um crescimento nos vários campos de um profissional da educação, aceitando as opiniões uns dos outros e tornando o processo ensino aprendizagem cada vez mais rico. No que toca aos alunos, o meu maior desejo era conseguir criar uma boa relação com os eles, conseguindo dar esse passo o caminho torna-se mais fácil e claro. O relacionamento com os alunos, no meu ponto de vista, é dos aspetos mais importantes do processo. Durante a aula vão existir vários momentos de interação professor-aluno e devemos procurar torná-los significativos.

Por último, e não menos importante, os professores das restantes disciplinas e o pessoal não docente. Com os professores das restantes disciplinas esperava que me acolhessem da melhor forma possível. A partir do diálogo, tentar promover vários momentos de convívio e partilha de ideias, integrando aos poucos o corpo docente da escola. No que refere ao pessoal não docente, a expectativa não se distanciava muito das anteriores, queria criar uma empatia com eles para que, nos momentos complicados, pudesse contar com a sua ajuda, principalmente na preparação das aulas, ou seja, o meu porto de abrigo no que toca à logística e aquisição de material.

A primeira é sempre especial - Escola Pêro Vaz de Caminha

No dia três de setembro de 2021 tive o meu primeiro impacto com a nova realidade, a entrada na escola na pele de professor estagiário. Este momento foi um marco na minha história. Algo que ambicionava há muito tempo estava mesmo acontecer, o regresso à escola desempenhando um papel totalmente diferente, com a missão de transmitir aos alunos alguns valores defendidos pela minha pessoa, juntamente com os da escola, contribuindo, assim, para o crescimento dos alunos. Um dos objetivos nesta nova casa passava pela continuação da construção da minha identidade enquanto futuro professor de EF, criar um bom relacionamento com todos os intervenientes e, acima de tudo, poder contribuir para a educação dos diversos alunos que iriam passar pelas minhas mãos. Prepará-los para se enquadrarem da melhor forma na sociedade contemporânea, capazes de compreender e transformar o mundo à sua volta e transmitir conceitos como autonomia, racionalidade, superação, companheirismo, liberdade e humildade em tudo o que fazem. Neste sentido, conseguimos trabalhar o Homem que está dentro de cada indivíduo, permitindo que este se torne real e reconhecido pelo mesmo. Como defende Rousseau (1992, p.10) “tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, é-nos dado pela educação”, defendo a opinião de que somos nós profissionais da educação que temos de primar pelo crescimento destas ferramentas no interior de cada aluno e, assim, garantir que estes estão preparados para enfrentar o máximo de problemas no seu futuro.

Em relação à escola propriamente dita, até então não tinha qualquer conhecimento da mesma. Situada entre alguns bairros socialmente desfavorecidos, onde as crianças precisam de uma intervenção apropriada, a escola está inserida na rede de escolas do programa TEIP (Territórios Educativos de Intervenção Prioritária). O agrupamento de escolas Pêro Vaz de Caminha é composto por quatro estabelecimentos de ensino, a escola básica Pêro Vaz de Caminha (2º e 3º ciclos) designada como escola sede, a EB1/JI da Agra, a EB1/JI dos Miosóti e a última a EB1/JI S. Tomé. A escola que me

acolheu desde início, foi a escola sede, foi lá que tive as minhas primeiras reuniões de preparação do novo ano letivo, os primeiros contactos com pessoal docente e não docente, as primeiras impressões de uma casa que me recebeu de braços abertos, onde vivi momentos únicos e inesquecíveis. Na escola primária EBI/JI S. Tomé tive a oportunidade de lecionar, uma vez por semana, aulas de EF a alunos de nove anos de idade. Uma experiência muito enriquecedora que me tirou da minha zona de conforto, devido à pouca experiência com crianças desta idade. Em relação à escola básica, esta é constituída por quatro blocos e um gimnodesportivo, com um pavilhão e ginásio. No exterior podemos encontrar um ringue de futebol sintético, um campo de minibasquetebol e um átrio geral com uma dimensão considerável utilizada para realizar alguns testes de avaliação física.

Na minha opinião, a escola proporciona aos alunos e aos professores condições favoráveis à prática do ensino-aprendizagem, permitindo uma maior flexibilidade na preparação e organização dos diversos projetos escolares.



Figura 3 – Entrada da EB2/3 Pero Vaz de Caminha

Os vários intervenientes nesta aventura

Núcleo de Estágio

Durante esta caminhada, os elementos que vou mencionar mais à frente, foram os que mais contribuíram para o meu crescimento enquanto futuro professor de EF, aqueles que me fizeram repensar nas minhas decisões, os que me apresentavam outros pontos de vista, com quem partilhei os meus planos de aula, unidades didáticas, planeamentos anuais e métodos avaliativos. No fundo, funcionavam como meus confidentes ajudando-me a realizar as melhores escolhas.

O núcleo de estágio foi constituído por quatro estudantes universitários, com o propósito de servir a escola da melhor forma possível, com o máximo de compromisso e paixão. Cada elemento trouxe consigo diferentes formas de pensar, diferentes formas de estar, diferentes formas de comunicar e liderar, tornando o processo mais enriquecedor, sendo a partilha o ponto chave do crescimento. O primeiro elemento que vou falar é de nacionalidade brasileira. Uma pessoa que me acompanhou desde o primeiro ano de mestrado e com quem, até aos dias de hoje, mantenho uma relação muito próxima. Foi o colega com quem tive mais momentos de partilha e reflexão. Uma pessoa que preparava cada aula ao pormenor, tentando antecipar todos os cenários possíveis, por vezes, exageradamente, levando-me a chamá-lo atenção nesse aspeto. Na minha opinião, não conseguimos antecipar todos os problemas ao preparar uma aula, tal como a preparação faz parte do processo, a adaptação e a espontaneidade são peças fundamentais na gestão da própria aula, mantendo a dinâmica e o objetivo acessível a todos os alunos. O colega do distrito de Aveiro, uma pessoa mais reservada e mais fechada em termos de personalidade numa fase inicial. No entanto, ao longo da caminhada foi-se abrindo e consegui estabelecer uma boa ligação com ele, trocando, muitas vezes, opiniões. Com um estilo de lecionação diferente da minha, levando-me muitas vezes a alguns períodos de reflexão sobre as suas aulas. Este é um aspeto muito importante no estágio curricular, a observação de aulas dos restantes colegas de departamento

permitindo ver outras realidades e novas formas de lecionação. O colega do concelho da Póvoa de Varzim, acompanha-me desde os primeiros anos da licenciatura. Nesse período não tinha um relacionamento tão forte como o de agora, mas o que interessa é que os nossos destinos se cruzaram e foi mais um elemento que me fez crescer nesta aventura. Os momentos de troca de ideias foram muitos, juntamente com os de brincadeira, uma pessoa com um lado emotivo forte e com um estilo de liderança diferente dos restantes colegas. Cada um de nós tinha a sua forma de lecionação e conseguimos levar os diversos “barcos” a bom porto. E, por fim, a líder deste grupo, a nossa professora cooperante Helena Abrunhosa, a nossa bússola em todas as ocasiões, um exemplo a seguir se realmente queremos mudar o rumo da educação, uma pessoa que deixou o seu legado, e continua a fazê-lo, nesta escola. Uma pessoa que coloca paixão e compromisso em tudo o que realiza, das pessoas mais proativas e dinâmicas com quem trabalhei. Todas a energia depositada no dia a dia e a sua forma de estar em comunidade, muitas vezes deixava-me a pensar se realmente um dia tinha 24 horas.



Figura 4 – Núcleo de estágio

Turma Residente

Foi numa das primeiras reuniões que surgiu o tema, qual seria a turma por que cada elemento ficaria responsável durante o ano letivo. Após algumas sugestões, a única que se tornou viável foi sortear. Antes de realizarmos o sorteio, a professora descreveu um pouco cada turma e explicou que cada uma tinha as suas singularidades, umas mais a nível comportamental e outras com alguns casos de intervenção inclusiva e problemas cognitivos.

Na verdade, não estava com grandes expectativas em relação ao sorteio, independentemente da turma que me saísse, sabia que iria crescer enquanto futuro professor de EF e isso, para mim, era o mais importante. Perceber a turma em questão, delinear a melhor estratégia para os conquistar e, a partir desse momento, zelar por um crescimento íntegro, ou seja, para além de terem um maior entendimento em relação às diversas matérias e melhor habilidade motoras nas mesmas, explorar conceitos como autonomia, responsabilidade, superação, entreajuda, respeito e relacionamento interpessoal, palavras-chave essenciais para abrirem portas nas respetivas vidas. Ao retirar o papel saiu-me a turma do 8º A, a direção de turma da nossa professora cooperante, uma turma energética e com muita vivacidade dentro da maioria dos alunos. No geral, tinham aproveitamento significativo nas várias disciplinas e, como é normal em qualquer turma, existiam alguns que por vezes decidam colocar os professores à prova. A turma era composta por vinte alunos, oito do sexo masculino e doze do sexo feminino. Os alunos que estavam ligados ao desporto federado eram cinco e todos eles apresentavam uma boa prestação durante as aulas. Nos primeiros dias percebi que tinha ali uma turma muito capacitada, a informação que estes me passavam era de uma entrega bastante positiva durante as aulas, nos momentos de pausa aproveitavam para falar ou fazer outra coisa, demonstrando a energia falada em cima, alunos que perguntavam o porquê de estarmos a fazer determinada tarefa e acima de tudo perspicazes, com rápida assimilação das ideias transmitidas. Todas estas nuances e mais algumas tinham de ser levadas em conta de forma a proporcionar uma aula que satisfizesse os conteúdos selecionados e, ao mesmo tempo, as características da turma. Desta forma estamos a conquistar os nossos alunos ao mesmo tempo

que transmitimos valores e conhecimento sobre o diverso conteúdo programático. Como refere Mesquita (2003), as necessidades dos alunos têm de ser levadas em conta, só desta forma é que asseguramos a igualdade de oportunidades entre indivíduos e, assim, promovemos uma educação mais inclusiva.

Em suma, como muitas vezes comentei com os meus colegas, tenho preferência por turmas mais energéticas, com alunos que colocam à prova a liderança do professor, através de atitudes e comportamentos menos adequados ao cenário de aula. Toda esta coragem e vivacidade dentro dos miúdos tem de ser redirecionada para a dinâmica da aula, trazendo para a mesma o lado emocional e promovendo uma atmosfera positiva no processo ensino-aprendizagem.

“Na verdade, prefiro ter alunos mais esprevidados e dinâmicos, em vez de alunos apáticos e com pouca energia durante a aula. Com este género de turmas, no meu ponto de vista, um dos objetivos passa por conseguir redirecionar toda a sua agitação e vontade para o cerne da aula, juntando o melhor dos dois mundos, obtendo uma aula interativa e rica em conhecimento”.

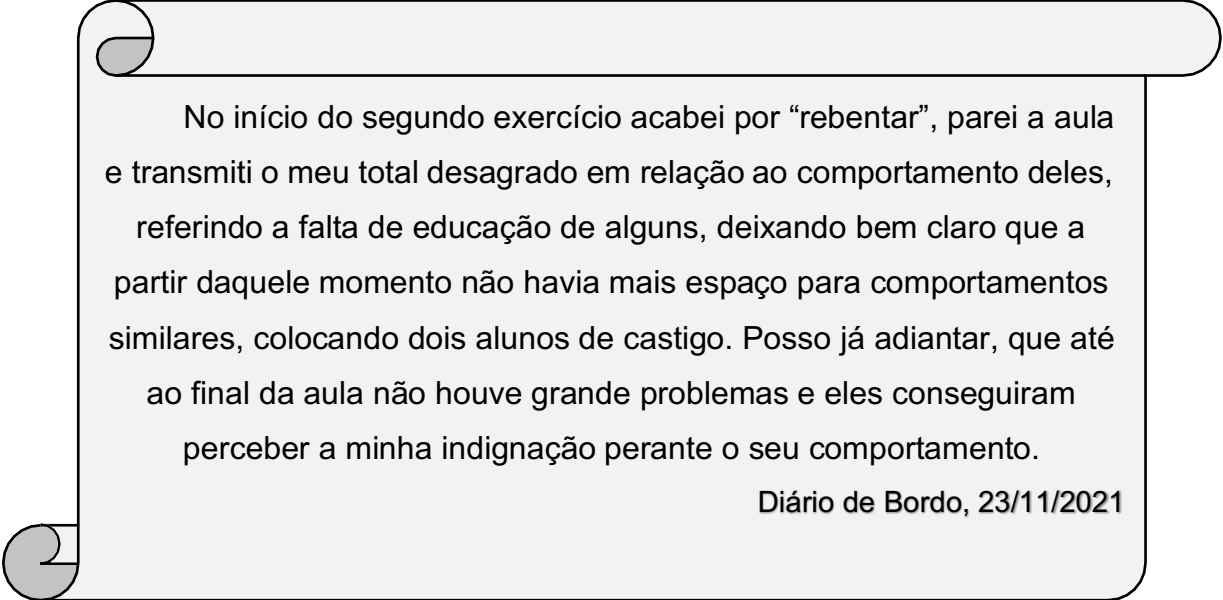
Diário de Bordo, 22/9/2021



Figura 5 – Turma residente

Turma Partilhada

Logo desde início, a professora cooperante fez questão de nos alertar para o comportamento indisciplinado desta turma, rotulada como a pior turma da escola em termos de comportamento. Devido a este fator, ficou decidido que esta seria a nossa turma partilhada. O desafio estava lançado, tentar mudar a mentalidade destes alunos, fomentar espírito de grupo, cativá-los para a prática desportiva e, acima de tudo, incutir regras e formas de estar no espaço da aula.



No início do segundo exercício acabei por “rebentar”, parei a aula e transmiti o meu total desagrado em relação ao comportamento deles, referindo a falta de educação de alguns, deixando bem claro que a partir daquele momento não havia mais espaço para comportamentos similares, colocando dois alunos de castigo. Posso já adiantar, que até ao final da aula não houve grande problemas e eles conseguiram perceber a minha indignação perante o seu comportamento.

Diário de Bordo, 23/11/2021

Uma turma constituída por treze alunos, sete do sexo feminino e seis do sexo masculino. A cultura desportiva não se fazia sentir no seio desta turma, para a maior parte deles, a única ligação com o desporto era a própria aula e só três elementos é que praticavam desporto federado. A falta de saber estar em comunidade também se fazia sentir nesta turma. O relacionamento entre eles vem comprovar esse facto, as ligações criadas eram através de provocações, faltas de respeito e, por vezes, tentativas de agressão. Os alunos vêm para as aulas tentar impor a sua personalidade, sem qualquer tipo de noção de desportivismo ou relacionamento. Uma turma que nos fez crescer bastante em termos de liderança e na organização da aula ao nível comportamental, ou seja,

não juntar certos elementos da turma e assim evitar eventuais desacatos. Nesta turma havia um pormenor muito interessante, alguns alunos tinham comportamentos diferentes consoante a presença de alguns colegas, mas mudanças de comportamento consideráveis ao ponto de comentar com os meus colegas se realmente aquele(a) aluno(a) era o mesmo. Uma turma onde o núcleo familiar tem peso na forma de estar dos alunos na aula. Nas várias conversas com a nossa professora cooperante, apercebi-me que a maior parte dos alunos tem problemas familiares, neste sentido, a gestão dos mesmos tem de ser muito cuidadosa, caso contrário, não estaremos a contribuir para a evolução e formação dos mesmos.

Na verdade, esta imprevisibilidade criada pelos alunos, levou-nos a uma maior pormenorização na preparação das aulas, surgindo os momentos de partilha de informação, a discordância perante algumas sugestões, as justificações sobre determinada ideia, tudo em prol de um objetivo comum - a preparação de uma prática pedagógica ajustada ao nível dos alunos. Durante os vários momentos com os alunos, o modelo adotado foi o MID (Modelo de Instrução Direta), procurando ter um maior controlo da aula, tornar o processo mais consciente para os alunos e, assim, garantir o bom funcionamento das aulas. Quando se fala no MID, o professor é colocado no centro do processo, tomando conta de praticamente todas as decisões, nomeadamente, a indicação dos vários padrões de envolvimento que os alunos devem adotar nas tarefas (Rosado & Mesquita, 2009). Este cenário foi escolhido devido às características particulares da turma e foi conduzido até ao final do processo.

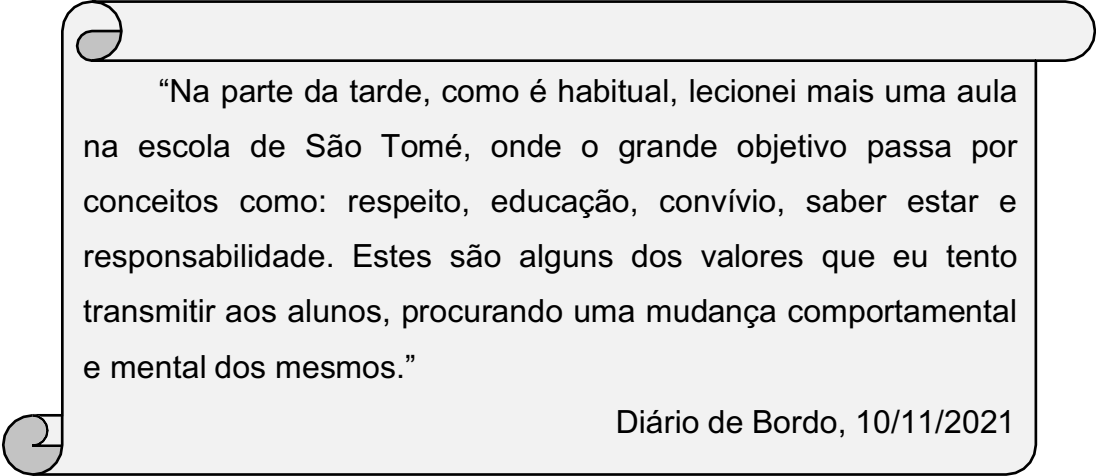


Figura 6 – Turma partilhada

Turma 1º Ciclo

A aventura na escola de S. Tomé, com uma das turmas do quarto ano de escolaridade, iniciou-se um pouco mais tarde em relação às turmas do segundo e terceiro ciclo. Esta experiência é muito importante para o início da nossa carreira. Normalmente, o primeiro contacto com o mundo profissional é nas chamadas AEC, Atividades de Enriquecimento Curricular, onde proporcionamos aos alunos momentos de atividade física, promoção da saúde e bem-estar, desenvolvimento das suas capacidades motoras, fomento do espírito desportivo e fair-play e adoção de hábitos e estilos de vida saudável.

Desde início apercebi-me que tinha uma importante missão a cumprir, a falta de todos os aspetos mencionados acima e o desrespeito que os alunos apresentavam entre si, levaram-me a uma instrução mais rigorosa e de caráter intransigente.



“Na parte da tarde, como é habitual, lecionei mais uma aula na escola de São Tomé, onde o grande objetivo passa por conceitos como: respeito, educação, convívio, saber estar e responsabilidade. Estes são alguns dos valores que eu tento transmitir aos alunos, procurando uma mudança comportamental e mental dos mesmos.”

Diário de Bordo, 10/11/2021

Durante as aulas, na fase inicial, os alunos procuravam muito situações de confronto e de intimidação, uns com os outros, querendo mostrar supremacia à restante turma. Nestes momentos, dentro de mim, acionava-se o alarme de intervenção e procurava chamar os intervenientes à razão e deixar bem claro que na minha presença não havia espaço para este tipo de comportamentos.

Tal como na nossa turma partilhada, o seio familiar destes alunos, não é o mais favorável para o seu crescimento, acabando por influenciar de forma negativa o seu comportamento.

Nas primeiras semanas, lembro-me de comentar com a minha professora cooperante algumas situações preocupantes no relacionamento dos alunos, desde tentativa de agressões, insultos e, por vezes, atitudes racistas. Juntamente com a professora cooperante, analisei os vários cenários durante o ano, a origem dos comportamentos, a estratégia utilizada, a eficácia da mesma, acabando por ouvir a opinião da professora e perceber se estava a adotar as melhores estratégias e a tomar as melhores decisões. Deste modo, consegui uma mudança na forma de estar dos alunos nas aulas, chegando ao final da caminhada a ver um relacionamento positivo entre os alunos, valores desportivos na dinâmica da aula, como entreajuda, estratégia, superação e respeito, aproximando-se assim do verdadeiro conceito de turma.

“Durante o jogo houve momentos em que as equipas reuniram para definir nova estratégia e assim poderem funcionar melhor em equipa. De salientar que os alunos têm outra perceção do jogo, uma melhor ocupação do espaço e proferem palavras que vão ao encontro do objetivo do jogo.”

Diário de Bordo, 20/4/2022



Figura 7 – Turma 1º ciclo

Backstage da Prática Profissional

Área 1- Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem

Alguns Conceitos

A área que se segue vai permitir aproximar um pouco mais à realidade vivenciada e ao processo contruído e idealizado consoante as normas orientadoras do estágio profissional (EP). O grande propósito passa pela construção de um caminho claro e pensado, garantindo sempre o valor pedagógico e educacional de uma disciplina tão singular como é a EF. Na idealização de todo este processo tive de levar em conta algumas concessões, encontradas no âmbito educacional, os planos curriculares, os programas de EF e perceber o contexto social/cultural em que a escola estava inserida. Desta forma, o planeamento, a realização e avaliação foram os maiores propósitos da minha caminhada, permitindo-me ter um maior controlo do processo, tornando-o mais eficiente e apropriado.

Numa fase inicial, o motor de busca foi direccionado para o máximo de informação possível, análise de diversos documentos e programas nacionais, como algumas conversas com colegas que já tinham passado por esta experiência, desta forma, um maior número de fontes de informação permitia uma melhor preparação para ação, proporcionando uma prática educacional ajustada e clara.

Em relação ao planeamento, tal como tenho vindo a referir, a importância da especificidade do processo, o planeamento não foge à regra, tanto a nível anual, da unidade didática e no momento de aula, do mais geral para o mais elementar, só assim é que podemos zelar por uma melhor formação dos nossos alunos. Desta forma promovemos aprendizagens significativas na formação dos

alunos, a busca de um crescimento íntegro, a ativação de uma diferenciação pedagógica no processo de ensino-aprendizagem e uma maior consciencialização do aluno no plano curricular. Numa síntese de resultados, dentro desta visão, Cohen, Raudenbush e Ball (2003, p.41) referem que os professores mais eficazes defendem que o propósito da escola é promover aprendizagem aos alunos: “planificam cuidadosamente; utilizam materiais adequados; clarificam os objetivos para os alunos; mantêm um andamento vivo da aula; controlam o trabalho dos alunos com regularidade; ensinam de novo se os alunos apresentam dificuldades; aproveitam bem o tempo de aula; utilizam estratégias de ensino coerentes”. Todos estes aspetos enumerados anteriormente fazem parte da minha identidade enquanto professor, e nos vários momentos com as turmas, que tive o privilégio de orientar, estas pequenas diretrizes fizeram parte da dinâmica da aula tornando-a mais apelativa e energética. O momento de avaliação, como já foi dito anteriormente, fez parte de todo este envolvimento. A partir deste momento conseguimos fazer um ponto da situação a nível da aprendizagem do aluno e do processo que o mesmo estava a vivenciar. Para isso é importante ter uma definição, coerente, dos critérios a serem avaliados, a forma como escolhemos realizar determinada avaliação, o momento de realização, os instrumentos utilizados e o contexto em que tudo vai ser realizado.

Durante a minha procura por informação relevante, o Programa Nacional de Educação Física (PNEF), foi uma peça muito importante para a construção de toda esta conjuntura, através dele procurei perceber as grandes finalidades a que nos propomos neste ciclo educacional, os objetivos gerais que tem de estar presente em todas as áreas e a colheita de informação essencial para iniciar as várias áreas propostas no plano curricular. Em relação ao bilhete de identidade da escola, o projeto educativo de escola (PEE) foi analisado e interpretado de forma a perceber o contexto em que iria estar inserido, “surge, assim, da necessidade de aumentar a visibilidade dos processos de escolarização, mobilizando vontades e recursos para promover uma ação educativa articulada e eficaz. Apresenta-se como um documento orientador, aberto, flexível e dinâmico, na medida em que se encara como passível de alteração em função da reflexão da prática e através dos resultados dos processos de autoavaliação.” Projeto Educativo (Agrupamento, 2016, p.4).

Nos próximos episódios, vai haver uma aproximação à prática educacional, desde o planeamento/idealização ao momento avaliativo, assim como todas as estratégias adotadas para cumprir com o projetado, respeitando sempre o processo pedagógico.

Programas Nacionais

No meu primeiro ano de mestrado, comecei a olhar para os programas nacionais dos diferentes ciclos existentes, de forma a poder iniciar a elaboração dos vários planos de aula e unidade didáticas. Confesso que nas primeiras leituras eram mais as interrogações e dúvidas do que as certezas e esclarecimentos, o nível de dificuldade e a quantidade de conteúdo programático, levava-me a pensar “Será que vai ser mesmo possível lecionar este conteúdo?”, “A transmissão do mesmo até pode ser possível, mas a aprendizagem, será que vai ser garantida?”. Estas foram algumas perguntas que me surgiram levando-me a tomar decisões. A procura de um processo ensino-aprendizagem eficiente, assegurando uma compreensão e entendimento da matéria lecionada, garantir que os alunos têm tempo de exercitação, adequar a dificuldade das tarefas aos alunos e uma maior consciencialização do processo, tornando o papel dos alunos mais ativo. A palavra “escolha”, encaixa-se perfeitamente neste momento do ano letivo, uma má escolha ou má decisão podem prejudicar o processo mais à frente. Desta forma, a importância de nos primeiros dias percebermos o contexto em que estamos inseridos, dialogar com os vários intervenientes, de forma a antecipar os vários cenários, partindo do pressuposto que não podemos antecipar tudo. “Reconhece-se, assim, ao professor a responsabilidade de escolher e aplicar as soluções pedagógicas e metodologicamente mais adequadas, investindo as competências profissionais desenvolvidas na sua formação nesta especialidade, para que os efeitos da atividade do aluno correspondam aos objetivos dos programas, utilizando os meios que lhe são atribuídos para esse fim” (DGE, 2001, p.5).

Continuando nesta linha de raciocínio, e colocando-me na posição de professor após era covid-19, penso que os programas nacionais ainda ficaram

mais desajustados e descontextualizados comparativamente ao reinício de um ano letivo habitual. Se antes as coordenadas indicadas não eram as melhores para conseguir cumprir com o objetivo da missão, nestas condições, a avaliação e preparação de todo o trajeto terão de ser ainda mais minuciosos, garantindo assim resposta a todos os níveis e uma flexibilidade curricular eficiente. Devido a todo este processo que os alunos vivenciaram, as aulas à distância, houve pouca representatividade das aulas de EF. Desta forma, as minhas escolhas foram um bocado condicionadas por estes fatores. No entanto, na minha turma residente, o cenário foi totalmente diferente. Na turma residente, a maioria, apresentou-se nas primeiras semanas com uma boa capacidade física, deixando-me bastante agradado e otimista na idealização de cenários muito interessantes para o decorrer do ano letivo. Na turma partilha é que a relação foi proporcional ao ano transato, falta de empenho nas aulas, baixa intensidade na realização dos exercícios e uma despreocupação com a disciplina fora do normal, por parte de alguns alunos.

Contudo, os programas nacionais apesar de serem um pouco descontextualizados da realidade, são uma importante ferramenta nos primeiros passos para a organização e planeamento do ano letivo, isto sem nunca descurar a nossa capacidade de adaptação e filtragem em relação ao conteúdo apresentado.

O Momento de Planear

Planeamento Anual

Este foi dos primeiros planeamentos que realizei na fase inicial deste processo, após as primeiras reuniões com a professora cooperante foi-nos fornecido o mapa de ocupação de espaços e as modalidades que iríamos lecionar em cada período, juntamente com o número de aulas (Anexo I). Devido à pouca experiência em relação a este tipo de planeamento, e de forma a termos mais um momento de partilha, nos primeiros dias realizamos algumas reuniões via zoom com o propósito de pensar a longo prazo, colocando todas as ideias e possíveis entraves em cima da mesa. Cláudia e Aline (2017) referem que o processo de planeamento é uma revisão que organiza todo o envolvimento do sistema ensino-aprendizagem.

Na verdade, ao longo do ano letivo acho que os dedos das minhas duas mãos não chegam para contabilizar o número de vezes que tive de reformular o meu plano anual, nesses momentos percebi que o pensar a longo prazo e ter o plano delineado é importante, mas a nossa capacidade de adaptação, é que vai permitir a construção de um processo recheado de formação educacional. Entre os três períodos existentes aquele que sofreu menos alterações foi o primeiro período, as aulas previstas para as modalidades de atletismo e ténis foram lecionadas nos dias previstos, apenas duas foram retiradas. A modalidade de ténis e aptidão física, apesar de ter uma aula em discrepância, consegui cumprir com a unidade didática. No segundo e terceiro período é que as alterações se fizeram sentir. No segundo período, com a introdução de uma modalidade que iria ser lecionada no terceiro período, natação, juntamente com as visitas de estudo que se fizeram nestes dois períodos, uma relação muito próxima com a comunidade, que a nossa professora cooperante fazia questão de criar, permitindo que os alunos experienciassem todo o tipo de atividades como surf, escalada, remo, paddle, futebol de praia, mergulho, visitas de estudo sobre temáticas relevantes para a formação dos alunos, entre outras atividades, permitiram cumprir o objetivo de enriquecer ao máximo o currículo escolar do

aluno. Durante a minha leitura existiram vários autores que realçaram a ideia de que ao longo do ano letivo as dificuldades sentidas no planeamento anual iriam ser menores, nomeadamente, Inácio, Graça et al. (2014). Em relação à minha experiência, não posso dizer o mesmo, devido às alterações ocorridas foi bastante desafiante pensar que num curto espaço de tempo o que estava programado poderia sofrer alterações, mantendo-nos em alerta para uma eventual mudança no processo.

Para a realização deste desenho, tive de levar em conta algumas condicionantes. A relação das modalidades com a ocupação dos espaços, por exemplo, no ginásio, devido à existência de vidros não se poderia usar bolas, o que me obrigava a lecionar todas as modalidades com uso de bolas fora do ginásio. O clima também teve uma palavra a dizer, no mapeamento ao longo dos períodos tinha em atenção as condições climatéricas, privilegiando as modalidades menos flexíveis, como voleibol (não dava muito jeito realizar a aula no sintético, por isso, tentei colocar o máximo de aulas no pavilhão, tornando as aulas mais apelativas e mais seguras).

Unidade Didática

Continuando nesta linha de raciocínio, pegando no que foi realizado no passo anterior podemos dar início à construção da unidade didática de forma a tornar o processo mais robusto e claro (Anexo II). *“As unidades temáticas ou didáticas, ou ainda de matéria, são partes essenciais do programa de uma disciplina. Constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem.”* (Bento, 2003, p.47). Na construção das unidades didáticas, para além da preocupação de colocar o conteúdo de forma progressiva e garantir que os alunos tinham tempo de exercitação, um aspeto que levava muito em conta era o distanciamento entre as aulas, ou seja, se houvesse um distanciamento considerável entre a aula número dois e a aula número três, procurava que o conteúdo lecionado na aula número dois, estivesse presente no início da aula seguinte. Desta forma, procurava uma melhor compreensão do processo, por parte dos alunos, garantindo que estes nunca saíssem prejudicados.

Por vezes, devido às instalações ou por motivos de força maior, algumas aulas distanciavam entre si duas a três semanas. Se queremos zelar por uma formação cada vez mais pedagógica e apelativa, temos de fornecer aos nossos alunos contextos desafiantes, mas ao mesmo tempo acessíveis. Bento (2003), no que toca a este planeamento, refere que devemos garantir a sequência lógica e metodológica da matéria selecionada, organizar as atividades do professor e dos discentes por meio da ação pedagógica, permitindo um desenvolvimento dos alunos nos vários momentos ao longo do ano letivo.

Ao longo deste ano letivo tive a oportunidade construir algumas unidades didáticas, passo a enumerar as diferentes modalidades: atletismo, dança, futebol, natação, ténis, voleibol e badminton. Em cada uma delas tive diferentes dificuldades, mas houve duas que me ficaram mais na memória, ténis e dança. Ténis nunca tinha vivenciado a realidade e dança porque não me sentia muito à vontade com o facto de dançar. Em todas elas houve sempre oportunidade para o momento de alteração e reformulação do que estava idealizado, em termos de

conteúdo da aula, nos objetivos pré-determinados, na diminuição do número de aulas, e outros aspetos que fazem parte constituinte da sua estrutura.

No anexo II podemos verificar as unidades didáticas realizadas para as modalidades de voleibol e dança, assim como, a sequência lógica dos conteúdos selecionados e objetivos para cada sessão. Em termos de conteúdo e função didática, podemos perceber os conceitos psicossociais presentes nas aulas, assim como a cultura específica da modalidade. Na parte superior da tabela, encontramos as datas e o respetivo número da aula, assim como o mês correspondente (a utilização de cores é da minha autoria, tornando a tabela mais apelativa à leitura e dando uma vivacidade singular à mesma).

Plano de Aula

Este é o momento que antecede a ação, depois de termos tudo “em cima da mesa”, a seleção feita do conteúdo a lecionar e a distribuição do mesmo pelos diversos momentos de aula, chegou a hora de juntarmos nos vários contextos a proporcionar aos alunos, de forma a estes chegarem ao objetivo final, respeitando sempre o processo ensino-aprendizagem. Numa fase inicial, o núcleo de estágio estruturou um plano de aula padrão, que ficou para cada um utilizar nas suas turmas residentes e assim tornar o processo mais fácil. Para Metzler (2000) um plano de aula tem de cumprir com as seguintes componentes: (i) objetivos da aula; tempo e espaço da leção; (ii) recursos materiais necessários; (iii) listagem e explicação das situações de aprendizagem; (iv) tempo previsto para cada exercício; (v) descrição explícita dos critérios de êxito para cada tarefa; e por último (vi) revisão/questionamento da matéria de ensino e encerramento da sessão.

Na verdade, a idealização do plano de aula não era uma coisa onde sentia grande dificuldade, criar ou escolher exercícios apropriados para determinada aula, colocar as variantes e os critérios de êxito em cada exercício, organizar de forma eficiente os vários momentos da aula e dotar a aula de alguns “ingredientes” imprescindíveis à prática pedagógica, foram algumas valências que trazia da área do treino e que fiz questão de colocar em prática nas várias aulas lecionadas (Anexo III). No que diz respeito às questões de escrita confesso que o nível de dificuldade cresceu, respeitar os tempos verbais nos vários campos do plano de aula e a descrição de alguns exercícios de forma mais pormenorizada e explícita, foram estes os dois aspetos mais desafiantes na planificação dos vários planos de aula. O nosso plano de aula estava dividido em quatro partes, o cabeçalho, parte inicial, fundamental e final. No cabeçalho encontramos informação relativa à parte mais geral da aula, o objetivo da mesma, a função didática, o número de alunos, a data da respetiva aula, o material necessário para a realização da mesma, o local onde se vai realizar e informação de identificação do professor e da respetiva turma. Em seguida, para as restantes partes do plano de aula, temos uma coluna para os objetivos comportamentais, onde colocamos o objetivo de determinada tarefa, na segunda

coluna, situação de aprendizagem, onde realizamos a descrição do exercício de forma a ficar perceptível e explícito a quem for ler, na terceira, a organização didática, em imagem ou por palavras, sobre a disposição do respetivo exercício e por último as componentes críticas de cada exercício. Desde a parte inicial até à final, conseguimos perceber o tempo de cada exercício, muitas das vezes não é possível cumprir com o tempo pré-estabelecido, mas através de algumas adaptações tentamos aproximar ao máximo do idealizado. A própria estrutura do plano de aula era essencial às críticas da professora, através do mesmo havia uma perceção do que era pretendido. Após a realização da aula, a professora fazia questão de realizar um balanço geral sobre os vários aspetos inerentes à dinâmica de aula. Olhando para os primeiros planos de aula e fazendo uma comparação para os últimos, é possível perceber o crescimento na elaboração dos mesmos, que só foi possível devido à partilha constante com os intervenientes mais próximos, os colegas de estágio, a professora cooperante e o nosso orientador de estágio. A eles agradeço todos os momentos de partilha, que contribuíram para a continuação da construção da minha identidade enquanto futuro professor de EF.

Vetores Chave da Ação

A partir de agora o olhar vai-se dirigir para o momento de aula, a minhas preocupações com a preparação da mesma, a influência da minha personalidade e identidade na forma de lecionar a aula, o elemento motivação bidirecional e a importância de deixarmos a nossa marca nos alunos e nos vários intervenientes desta aventura.

Na verdade, na preparação das várias aulas havia sempre uma preocupação com o lado motivacional do aluno, uma adequação dos exercícios para todos os alunos, a colocação do elemento competição de forma saudável e, por fim, a leitura e as várias alterações decorridas no tempo de aula. Neste capítulo não enumerarei todos os aspetos relevantes para a dinâmica da aula, mas com o decorrer do envolvimento, outros elementos aparecerão, com igual influência no processo ensino-aprendizagem. Nós, enquanto futuros professores de EF, temos a função de tornar o ambiente da aula o mais apelativo possível, gerar nos alunos emoções únicas, procurar o seu desenvolvimento integral e fomentar neles os vários valores ligados ao desporto. Na preparação e no decorrer da aula existem vários fatores que têm relevância para o sucesso ou insucesso da mesma, dependendo sempre do objetivo que os professores se propõem alcançar. A conquista do lado motivacional, na minha experiência, é um dos fatores essenciais para um bom desenrolar de aula, nos exercícios que não corriam da forma como tinha idealizado, o fator motivacional era uma das principais razões. A falta de colocação de objetivos e a presença do desafio eram os grandes responsáveis pelo o insucesso. Deste modo a EF vive do “elo de ligação entre motivação e a aprendizagem” (Rosa, 2012, p.19). De salientar que quanto maior for a motivação dos alunos na aula, o interesse dos mesmos também será maior, havendo espaço para perguntas, diálogo sobre algumas temáticas, um maior relacionamento entre os vários alunos e a passo e passo estamos a criar um ambiente de interação e partilha que nos vai levar a uma aprendizagem com significado e transferência. A criação desta atmosfera torna a aula mais interessante para todos os intervenientes, o aluno fica mais motivado para a realização das tarefas e o professor com uma atuação mais energética, direcionando toda esta energia para o grande propósito a aprendizagem dos

alunos de forma sustentável. Rosado e Mesquita (2009, p. 43) referem que “os professores eficazes criam um ambiente para a aprendizagem”. Esta ideia é conseguida a partir da coordenação entre os vários sistemas presentes na ecologia da aula, sistema de instrução, sistema de gestão e sistema de socialização dos alunos (Rosado & Mesquita, 2009). Continuando neste momento de preparação e ação, outro aspeto que teve grande relevância na planificação e no desenrolar da própria aula, foram algumas características da minha personalidade: competitividade, comunicação e brincadeira. Palavras que tiveram entrada direta no espaço de aula e foram muito importantes para os vários momentos ao longo do ano. Na área do treino e no dia a dia tenho o lema de aliar trabalho com momentos de descontração. Através do diálogo com os alunos, pequenas observações como “estás pregado ao chão”, quando apresentam pouca mobilidade na tarefa, e outro tipo de interações permitem-me chegar mais perto dos alunos.

Em suma, nos próximos tópicos vou falar de aspetos que me ajudaram na conquista do meu espaço, mais concretamente, a perceção dos alunos em relação à forma de lecionar as aulas, um entendimento que funciona como um motor num carro, permitindo-nos chegar aos locais desejados. Neste caso, às aprendizagens pretendidas.

Apresentação das Regras do Jogo

Este momento da estipulação das regras foi realizado logo no primeiro momento com os alunos. Uma ideia que eu já trazia em mente e que a própria escola fazia questão que os professores realizassem, começando assim haver uma sintonia entre a minha forma de atuar e a da escola. A escola, mais concretamente o grupo de EF, tem preparado um regulamento, que no início dos anos letivos é lido aos alunos de todas as turmas, colocando todos na mesma linha de partida. O regulamento faz referência a vários aspetos desde a entrada dos alunos no bloco do polidesportivo, até ao momento em que saem. De forma a alterar um pouco este momento de exposição de algumas regras básicas para um bom funcionamento das aulas, decidi que quem iria ler o regulamento iam ser os alunos, ou seja, de forma aleatória ia pedindo aos alunos para lerem pequenos excertos ao mesmo tempo que debatíamos sobre os mesmos, de

forma a ficar toda a informação esclarecida. Em relação às regras, havia algumas que eram mais lembradas que outras, como por exemplo, respeitar o distanciamento social e a desinfecção dos pés e das mãos à entrada do pavilhão, assim como alguns toques desnecessários entre alunos ou o não uso de máscara pelos corredores.

A tentativa de realizar a aula com brincos, colares ou anéis era bastante recorrente na nossa turma partilhada, alguns elementos faziam de propósito, sendo avisados aula após aula. O cabelo preso também era umas das regras estipuladas pela escola em que as raparigas falhavam muitas vezes, tanto no esquecimento como na ausência do próprio elástico, levando a nossa professora cooperante a comprar uma caixa de elásticos para a resolução destes casos. Após este momento de partilha de ideias defendidas pela escola, já tinha planeado falar um pouco das dinâmicas de sala de aula, a forma como eu queria que as aulas decorressem, a abertura para questões de qualquer tipo, nos momentos adequados, falei um pouco de alguns valores que trago comigo, que têm de estar presentes em sala de aula. Também lhes apresentei-lhes o meu lema de vida “trabalhar a brincar é diferente de brincar com o trabalho”, explicando que há momentos para tudo temos é o grande propósito de perceber esses momentos.

“Antes de iniciarmos a aula mais prática passei-lhes um lema que me descreve muito enquanto pessoa “trabalhar a brincar e não brincar com o trabalho” passando-lhes a mensagem que existem momentos para tudo e que temos de os saber distinguir.”

Diário de Bordo, 22/9/2021

Gestão e Comunicação

Neste primeiro tópico vamos olhar um pouco para dois elementos que estiverem presentes nas diversas aulas lecionadas e que considero de extrema

relevância para um processo ensino-aprendizagem controlado e consciente aos olhos de todos os intervenientes. Antes de tocar nestas dimensões do foro pedagógico quero referir a importância da transmissão de valores sociais e educacionais. Como já foi referido mais acima, a escola está inserida no programa TEIP, desta forma esta sensibilização faz ainda mais sentido ser priorizada de forma a colmatar o mais rápido possível esta lacuna social. Partindo desta ideia, a gestão de conflitos esteve presente em algumas aulas. Posso dizer que é um dos momentos em que me sinto à vontade e de certa forma ajuda-me na conquista dos vários grupos. Normalmente, neste tipo de situações, resolvo chamando o aluno à razão, fazendo-o perceber que o comportamento foi errado e, de forma natural, consigo resolver a situação. Quando os alunos tentam sair por cima, sem razão, ou faltam ao respeito, a situação de diálogo cai para segundo plano e a sanção entra em ação, escolhendo a mais apropriada para o momento.

Para além da gestão de comportamentos desviantes, procurava gerir da melhor forma os temas de exercitação, tornando o tempo de aula o mais eficiente possível, privilegiando o tempo útil. Como diz Rosado e Ferreira (2011), o docente deve potencializar o maior tempo possível de atividade motora específica, rentabilizando o tempo útil de aula, intensificando o tempo disponível de prática, o tempo de tarefa e o tempo potencial de aprendizagem. Na preparação da própria aula, a disposição das tarefas, as transições, de forma a perdermos o menor tempo possível, e o posicionamento para observação, eram alguns dos aspetos que contribuíam para uma análise dos alunos mais eficiente. A forma como os professores organizam o material, os alunos, o tempo de aula e os espaços para a instrução são fatores de grande relevo para o sucesso da aula. Na tarefa é importante percebermos os comportamentos e sinais que os alunos nos transmitem durante a exercitação, de forma a alterarmos o contexto, tornando-o mais adequado e uma maior ou redução do tempo, tudo em busca do tempo potencial de aprendizagem. Ou seja, ao atingirmos esse patamar não o podemos perder, conservá-lo da melhor maneira e analisar os fatores que levaram a esse momento.

“No aquecimento tive de fazer umas pequenas alterações de forma a colocar o exercício com nível adequado, os alunos mais evoluídos conseguiram realizar o exercício proposto, para os alunos com mais dificuldade tive de simplificar/alterar o objetivo, passando para 2x2 em cooperação, onde cada quarteto tinha de contabilizar o número de passagens.”

Diário de Bordo, 23/3/2022

Nas transições de exercícios ou a montar os mesmos, por vezes pedia auxílio aos alunos, desta forma dava-lhes algum sentido de responsabilidade, e uma melhor perceção do próprio exercício. Por vezes escolhia alunos que sabia que me poderiam criar alguns problemas sem a minha vigilância e assim era uma forma de os ter controlados. Em relação às regras estipuladas, o grande objetivo passava por um maior aproveitamento do tempo, colocar o sentido de disciplina nos alunos e criar algumas rotinas que, de certa forma, são pontos de controlo sobre o processo. O apito era o meu melhor amigo, permitia-me pausar as aulas nos momentos pretendidos e, ao mesmo tempo, marcar o início ou o reinício de qualquer tarefa.

Em relação à comunicação, o meio utilizado pelo professor para chegar aos alunos, um meio que deve ser rápido, objetivo e alterado consoante o caminho que tiver de percorrer. Assim, a análise e a interpretação da ação é um fator preponderante nesta conjuntura de ligações para que, no final, a informação seja passada da forma pretendida ao aluno. Rosado e Mesquita (2009, p.83) sintetizaram uma sequência de ações para o professor emitir um feedback pedagógico: identificação do erro na prestação; tomada de decisão (reagir ou não reagir); feedback pedagógico informativo; analisar as mudanças do comportamento motor do aluno; deteção de uma nova tentativa do gesto em concreto e, por fim, a ocorrência de um novo feedback pedagógico (Rosado & Mesquita, 2009). Em termos de comunicação, considero que a minha

experiência no treino permitiu-me chegar à escola num ponto de situação favorável. Não tinha qualquer receio em transmitir feedback ao aluno, passava-o de forma assertiva e energética, por vezes, utilizava a demonstração para ser mais perceptível. Ao longo do ano letivo, tive de moderar a quantidade de feedback emitido, por vezes, exagerava e tornava-me repetitivo. Este último aspeto influencia na autonomia e tomada de decisão do aluno, podendo ainda, retirar o foco de situações relevantes para o processo pedagógico. A professora cooperante chegou a referir que na turma partilhada muitas das vezes era eu quem assumia o controlo da turma, nesse momento percebi que tinha de dar um pouco de espaço aos meus colegas para eles também colocarem em prática as suas estratégias. No fundo, o que me levava a isto, eram alguns comportamentos ou situações de aula que não se identificavam com os mínimos aceitáveis, levando-me muitas das vezes a intervir de forma severa e impetuosa. Nos vários momentos de instrução procuro alterar a entoação da minha voz, de forma a criar impacto nos alunos, desta forma conseguir captar a sua atenção, estando mais próximo de atingir a alteração ou o objetivo pretendido. Ao longo dos exercícios vou utilizando os diferentes tipos de feedback, para cada problema usava determinada ferramenta. Por exemplo, a seguir ao feedback descritivo utilizava o prescritivo, o que o aluno deve fazer para melhorar, as várias interrogações aos alunos do próprio desempenho motor e em descoberta guiada levá-los ao caminho correto. Utilizava o feedback valorativo, deixando bem claro os comportamentos positivos e o feedback motivacional, transmitindo ao aluno energias positivas e confiança nas suas ações. Segundo Graça e Mesquita (2007) o feedback surgiu como estratégia de instrução, com eficácia pedagógica, assumindo um papel preponderante no ensino das atividades desportivas. Aliada a uma boa comunicação é importante os alunos perceberem o que lhes é transmitido. Se o aluno, após a instrução do professor, não for ao encontro do que foi pedido, é porque houve dissipação de informação e o professor não teve sucesso na instrução. Neste momento, uma boa capacidade de perceção e adaptação é fundamental para conseguir que o aluno realize o pretendido.

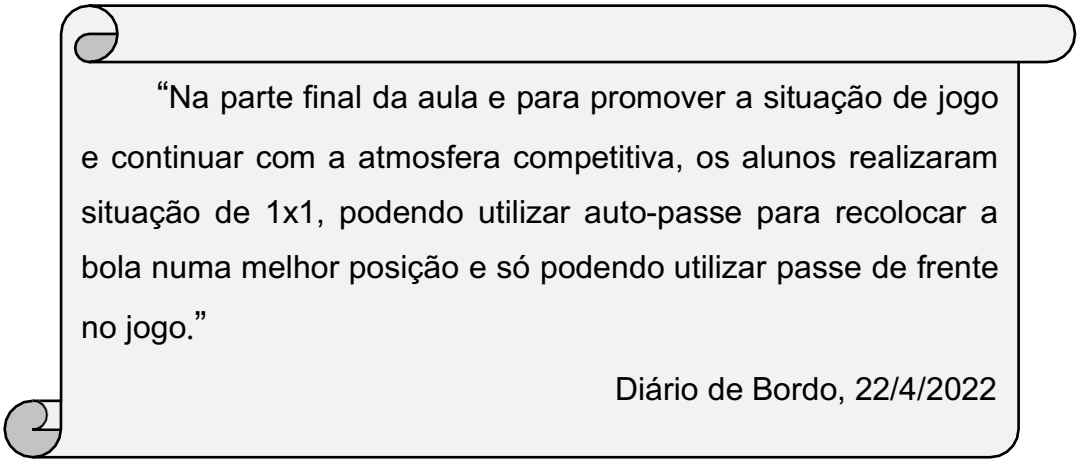
Clima e Controlo da Turma. estratégias adotadas

Para a criação de um bom ambiente de aula é necessário levar em conta alguns fatores preponderantes, que ao longo do processo irão fazer a diferença. Uma atmosfera de aula positiva e oxigenada de valores sociais, permite um crescimento íntegro do aluno, estando assim a contribuir para uma formação cada vez mais relevante. Quando penso em algumas destas estratégias utilizadas nas aulas, faço uma breve comparação com a culinária, ou seja, uma aula onde o lado emocional e contagiante do professor não esteja presente é como uma comida sem sal ou condimentos. A escolha está do nosso lado, servir um prato bem temperado, que no final o aluno vai pedir para repetir, desejoso de mais, ou então um prato insosso, que o aluno não vai querer voltar a comer, ficando desagrado.

Na verdade, com a turma que me foi atribuída consegui criar a tal atmosfera positiva e ter um bom relacionamento com todos os elementos da turma. O que procuro fazer é perceber as oportunidades de me aproximar dos alunos, através de brincadeiras, comentários sobre alguma temática ou um simples gesto de afeto, pequenas formas de ganhar o grupo e que fazem parte da minha forma de estar na vida, na área do treino utilizo esta forma de relacionamento com os meus atletas. A forma como leciono a aula também acaba por ter um grande contributo para esta realidade, a paixão nas várias intervenções, os momentos no final de algumas aulas, chamando-os à realidade e mostrando preocupação com eles permitia criar uma ligação cada vez mais forte.

Como refere Rosado e Mesquita (2009, p.193) os entusiasmos durante as aulas potenciam um envolvimento e uma participação mais ativa na aula, através das inflexões de voz, uma intensidade maior ou menor nos gestos, a forma como o professor se desloca, em suma, um conjunto de características que diferem o professor “apagado” ou um professor que contagia, estimula e agarra a turma em concreto (Rosado & Mesquita, 2009). Toda esta atmosfera era essencial para a aprendizagem dos alunos, em termos motivacionais, e na própria perceção do professor em relação aos vários aspetos do processo, garantindo as alterações nos momentos certos, potenciando assim a “máquina” dia a dia. Durante as aulas, um elemento do qual também não abdicava era da competição, pela

alteração do estado de espírito do aluno, pela vivacidade e emoção que trazia para a aula e para promover outro tipo de valores presentes na cultura desportiva.



“Na parte final da aula e para promover a situação de jogo e continuar com a atmosfera competitiva, os alunos realizaram situação de 1x1, podendo utilizar auto-passe para recolocar a bola numa melhor posição e só podendo utilizar passe de frente no jogo.”

Diário de Bordo, 22/4/2022

Por vezes, o ambiente ficava um pouco tenso e bastante competitivo. Contudo, a vontade de querer ser melhor, os níveis de concentração elevados e entrega que colocavam nas ações acabavam por compensar qualquer tipo de desacato ou as pequenas discussões sobre algum momento do jogo ou jogada. A competição pode ser um ponto positivo para o processo mas, se for mal direcionada e colocada, rapidamente se torna um aspeto negativo. Por isso, é muito importante perceber quando se deve ou não usar a competição e que tipo de competição. Para além da competição onde o que está em jogo é a conquista da vitória, utilizava muito o alcançar determinado número ou nível, ou seja, os alunos em cooperação procuravam chegar a determinado destino e assim o fator resultado não tinha tanta preponderância, mantendo os alunos desafiados na tarefa. Como referem Rosado e Mesquita (2009, p.188) contextos de cooperação, entre os elementos da turma, promovem a aprendizagem, o empenho, as emoções e interações pessoais positivas. Para a conquista deste clima é necessária uma atuação perspicaz nos vários momentos de lecionação, e uma continuidade fora do momento de aula, no recreio, aproveitando para falar sobre assuntos diferentes e perceber melhor a relação existente entre os alunos. Desta forma, a ligação com os alunos torna-se ainda mais especial, indo para além da relação professor aluno.

Modelos de Ensino

Antes de iniciarmos esta caminhada, no primeiro ano de mestrado, um dos assuntos mais falados foi os diferentes tipos de modelos e a sua utilização. Este tema foi alvo de muita reflexão nos momentos de aulas e fora delas. Entre nós, alunos de mestrado, houve muita partilha sobre qual era o modelo que gostaríamos de adotar na escola, o que se identificava mais com a nossa forma de lecionar, a possibilidade de utilizar mais do que um modelo, várias possibilidades, que nos levava a conversas intermináveis e a explorar infindáveis soluções. Antes de iniciar o percurso na escola, já vinha mentalizado que numa fase inicial iria utilizar mais o modelo de instrução direta (MID) e ao longo do ano iria conseguir explorar mais modelos, e foi isso mesmo que aconteceu, o surgimento do ensino dos jogos para a compreensão (MEJC) e alguns ingredientes do modelo de educação desportiva (MED). A utilização do MID, foi uma forma de me proteger e garantir um bom funcionamento das aulas, ter uma rápida perceção das características das turmas, residente e partilhada, e desta forma ter um maior controlo da aula, respeitando sempre o processo ensino-aprendizagem. As várias escolhas e os contextos proporcionados aos alunos recaíam em nós, no entanto, havia muita influência dos alunos. Através das várias informações que estes nos transmitem nas aulas, as reações, o empenho deles nas tarefas, o lado emocional presente e outros aspetos que nos ajudam a perceber se o aluno está consciente do processo vivenciado e na zona de aprendizagem. O MEJC teve mais influência nas modalidades coletivas, ao trazer uma maior perceção do jogo aos alunos, uma maior consciencialização das várias ações e através das várias “equações” que colocava nas aulas, em conjunto com os alunos, chegar à resolução das mesmas. Confesso que este tipo de dinâmicas costumo utilizar na área do treino, é o momento onde eles podem expressar os seus pensamentos e mostrar o seu ponto de vista, desta maneira consigo ter uma maior perceção da forma de pensar dos atletas/alunos, ajudando-me assim no processo ensino-aprendizagem, limando os pontos de vista supérfluos e direcionando a linha de raciocínio para o pretendido. Não existe nenhum modelo que se adeque a qualquer contexto, cada um deve ser utilizado nos contextos e ambientes apropriados, não podemos utilizar o mesmo

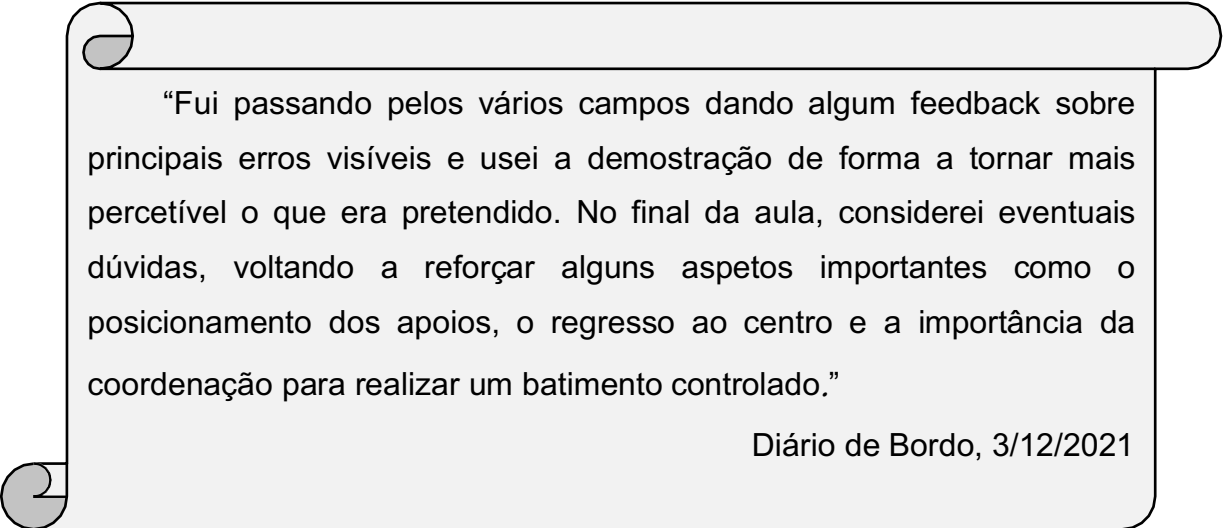
martelo para todo o tipo de parafusos. Como defende Metzler (2000), existem princípios que devem ser explorados nos quadros de modelos de instrução, que são essenciais ao ensino e treino desportivo, clarificação os objetivos de aprendizagens em torno de grandes propósitos que perspetivem a natureza das tarefas, os papéis dos professores e alunos, os recursos didáticos necessários, o contexto social e a organização da própria aula, de forma a implementar e avaliar o programa de instrução selecionado (Rosado & Mesquita, 2009).

Modelo de Instrução Direta

Como já tinha referenciado mais acima, este foi o modelo que mais utilizei na fase inicial deste processo, era o que se adequava aos dois lados da moeda, a mim e aos alunos. Enquanto professor estagiário, não quis arriscar muito e, por isso, fui ao encontro dos princípios deste modelo. Como os alunos ainda não apresentavam as características essenciais para um modelo mais centrado neles, foi também um motivo para esta escolha. O facto de estar inserido na área do treino, formação de jovens atletas, também teve influência na continuação da adoção do MID. Um maior controlo e monitorização do treino, garantindo um elevado tempo de prática motora, preparação e estruturação das situações de aprendizagem, o tipo de instrução descritiva e prescritivo de forma a orientar o pensamento do aluno/atleta, a indicação dos critérios de êxito antes da realização da tarefa e durante a mesma e o constante feedback ao longo da aula, desde correções ao lado mais motivacional. A minha personalidade também teve uma palavra a dizer na utilização deste modelo, durante a caminhada na escola Pêro Vaz de Caminha. A forma como gosto de me relacionar com os diversos intervenientes, o elevado feedback durante as aulas, a preparação e a intervenção de forma a cumprir com o objetivo a que nos propusemos são aspetos de grande relevância na minha forma de atuar, que me permitem estar confortável e mais próximo do sucesso. Rosado e Mesquita (2009) apontaram algumas características importantes de uma instrução eficaz: a definir os objetivos e conteúdos de ensino, destacar as matérias estruturadas, sob orientação do professor, colocar ritmos de instrução acompanhados de explicações claras, fomentar expectativas positivas nos alunos, supervisionar a

tarefa, colocar questões de nível cognitivo baixo e feedbacks academicamente orientados emitidos no imediato.

Ao longo do ano letivo fiz questão de manter comigo alguns propósitos que me acompanhavam há algum tempo. No início de cada aula fazia sempre um ponto da situação em relação aos conteúdos que já tínhamos falado e o que iríamos acrescentar ou continuar a exercitar em determinada aula. Na apresentação dos exercícios, procurava explicar da melhor forma o que pretendia para o mesmo, através de palavras chave, instruções claras e contagiantes e o uso da demonstração nos casos mais específicos ou necessários.



“Fui passando pelos vários campos dando algum feedback sobre principais erros visíveis e usei a demonstração de forma a tornar mais perceptível o que era pretendido. No final da aula, considerei eventuais dúvidas, voltando a reforçar alguns aspetos importantes como o posicionamento dos apoios, o regresso ao centro e a importância da coordenação para realizar um batimento controlado.”

Diário de Bordo, 3/12/2021

Entre as várias formas de apresentação, evidencia-se as que utilizam palavras-chave, direcionando a atenção do aluno para o essencial (Rosado & Mesquita, 2009). Durante a realização das tarefas o que procurava era o desafio constante do aluno, por vezes até utilizava a provocação como método exponenciar ao máximo o empenho do aluno, “Quero ver se consegues chegar às 10 passagens”, “Não aguentas mais de 30” nessa posição”, pequenos desafios que faziam os alunos estar ligados à corrente da aula e o facto de não quererem ficar mal perante a provocação do professor.

Apesar de ser um modelo mais centrado no professor, onde as rédeas da aula são assumidas pelo docente, é de extrema importância ressaltar a importância da participação ativa dos alunos na aula, não existe nenhum modelo

que resista se os alunos não se apresentarem com predisposição para a realização da aula.

Ensino dos Jogos para a Compreensão **(MEJC)**

Este modelo foi mais utilizado quando a componente jogo entrou em ação. Nas modalidades coletivas, a forma como posiciona o jogo no processo de ensino-aprendizagem fascina-me por toda a representatividade que fornece aos momentos de aquisição, as equações que nos permitem levar para o envolvimento da aula, a procura de soluções para as mesmas em cooperação com os alunos, sem nunca descurar o prazer e a emoção durante a tarefa.

Como foi referido em cima, a palavra “jogo” é fundamental quando se fala neste modelo, no entanto, nunca fica esquecida a componente técnica das diversas modalidades. As duas dimensões são fundamentais na aprendizagem dos alunos, agora o que não podemos fazer é colocar a componente técnica de forma isolada e sem transferência para o momento final. Desta forma, procurava que os alunos deixassem de ver o jogo como um momento de aplicar em prática as habilidades motoras aprendidas, sem qualquer critério, mas sim um espaço de resolução de problemas, onde os alunos percebessem como e quando utilizar determinado aspeto técnico, realizar determinada movimentação com o propósito do jogo, “ler” o jogo e realizar a tomada de decisão, uma panóplia de situações que vão permitir dinamizar a aula e entrar no ciclo ação, correção e ação. Confesso que quando chegavam estes momentos de partilha de ideias com os alunos eles deixavam-me bastante agradado, ver nos olhos deles a busca de uma resposta acertada para a problemática colocada, através das perguntas estratégicas conseguir chegar ao pretendido, a forma de pensar de alguns alunos mostrando que realmente estão ligados à corrente da aula e a passagem desta energia para os restantes colegas.

“Através de questionamentos e das respostas dos alunos fui inserindo os conteúdos, zonas de responsabilidade e diferenciação de papéis, acabando por utilizar o método da descoberta guiada, permitindo que os alunos percebessem o porquê de realizarem certos movimentos e a importância da comunicação nas zonas de responsabilidade.”

Diário de Bordo, 18/2/2022

Desta forma, o professor tem algumas funções durante a aula: estabelecer a forma de jogo; observação do jogo ou da tarefa; juntamente com os alunos investiga o problema tático e as potenciais soluções; volta a observar o jogo e intervém, quando necessário, para ensinar (Graça & Mesquita, 2007). Ao longo da aula colocamos aos alunos várias tarefas, algumas de carácter mais fechado, aproveitando para aprimorar componentes técnicas e de nível de complexidade baixo. Os exercícios abertos, de maior complexidade, permitem visualizar o aluno numa situação próxima ao jogo, onde o exercício pode ter vários sentidos e o aluno terá de estar preparado para responder aos vários desafios. Desta forma vamos em busca de uma aprendizagem progressiva, onde o “jogo” funciona como uma oficina. Um exemplo desta realidade, foi num plano de aula de futebol, onde na função didática temos presente a exercitação dos princípios de jogo penetração, contenção, cobertura ofensiva e, por fim, o remate como componente mais técnica. Um exercício possível de se realizar é a situação de 2x2+Jocker com finalização nas “portas”. O 2x2 foi escolhido para chegar aos princípios de jogo pretendidos e para os alunos terem muitos momentos com a bola. O elemento jocker funciona como desbloqueador e facilitador do jogo em si, criando situações de superioridade, por último, as chamadas “portas” era importante que fossem balizas de forma a promover o elemento remate. Neste último caso, se no plano de aula tivesse condução de bola, em vez de remate, fazia todo o sentido utilizar as “portas”, podendo fazer ponto a partir de finalização ou condução, sabendo de antemão que em condução valia dois pontos. Este é só um exemplo da forma como podemos mexer com a tarefa, chegando mesmo à conclusão que no mesmo exercício pode exercitar diferentes tipos de coisas, o segredo é promover no jogo as situações que queremos que ocorram.

“No último exercício realizamos os famosos sobe e desce, mas com algumas alterações. No serviço, havia o serviço por baixo e o de diferenciação de papéis. Durante o jogo, se a jogada antecedente ao ponto tivesse presente o elemento manchete, valia dois pontos, ou seja, valorizamos o elemento em questão.”

Diário de Bordo, 23/3/2022

Toda esta procura de proporcionar aos alunos os melhores contextos de forma a potencializar a aprendizagem, deve ter em conta o lado emocional que uma criança coloca no exercício, não podemos retirar ao aluno o deleite na tarefa, temos de encontrar um ponto de equilíbrio entre aprendizagem e o desfrutar, promovendo no aluno sensações únicas, que o deixem desejoso de mais.

Alguns ingredientes do MED (Modelo de Educação Desportiva)

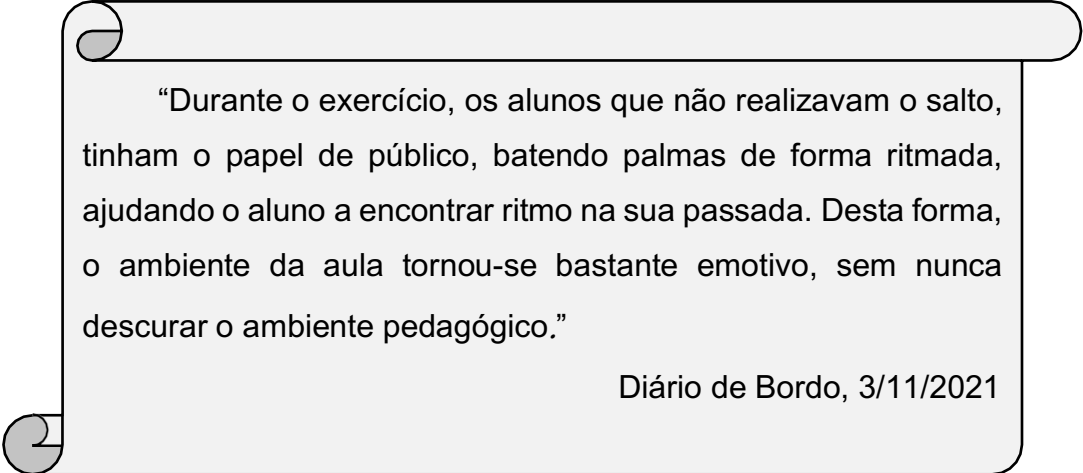
O Modelo de Educação Desportiva não esteve presente na sua totalidade, mas alguns dos seus “ingredientes” foram utilizados no decorrer do ano letivo. Desde o primeiro ano de mestrado que tinha a curiosidade de colocar em prática este modelo e saber se realmente seria possível no contexto real, porque muitas vezes na teoria parece tudo fácil, mas quando vamos para o campo as coisas mudam um pouco. Durante o ano letivo vim mesmo a comprovar esta ideia. Devido à minha inexperiência e ao desconhecimento da turma numa fase inicial, decidi que iria experimentar o modelo no segundo ou terceiro período, no entanto, devido às várias trocas do planeamento anual, o reduzido número de aulas nas unidades didáticas e os espaçamentos entre as aulas levaram-me a

descurar da mesma, que apesar de tudo não foi esquecida. Nos momentos de planejar, havia sempre espaço para colocar alguns “ingredientes” deste modelo, como momentos de festividade, registros estatísticos, mais concretamente o quadro classificativo. Por último, a competição formal, mais presente no final das aulas, onde os alunos procuravam a superação e mostrar um pouco de superioridade em relação aos outros.

“Nesta fase, o modelo de educação desportiva (MED) teve mais preponderância. Alguns alunos foram nomeados capitães de cada grupo, a dinâmica da aula era colocada pelos próprios, permitindo desenvolver conceitos como autonomia e responsabilidade e, no final da aula, realizou-se um momento culminante em que os alunos colocaram em prática o que foi desenvolvido durante a mesma, sentindo emoção e entusiasmo..”

Diário de Bordo, 3/11/2021

Neste modelo, existe uma grande preocupação na diminuição de fatores de exclusão, aludindo a uma harmonia entre competição e inclusão, o equilíbrio de oportunidades de participação de forma a evitar a realização de papéis menos importantes na dinâmica da aula, pelos alunos menos dotados (Rosado & Mesquita, 2009, p.62). No início do ano letivo comecei por lecionar a modalidade de atletismo, mais concretamente, salto em comprimento e corrida de velocidade. Nos momentos de salto para a caixa, achei por bem torná-los mais representativos e por isso os alunos que não realizavam o respetivo salto, tinham a função de bater palmas, de forma ritmada, assim como acontece nas competições oficiais.



“Durante o exercício, os alunos que não realizavam o salto, tinham o papel de público, batendo palmas de forma ritmada, ajudando o aluno a encontrar ritmo na sua passada. Desta forma, o ambiente da aula tornou-se bastante emotivo, sem nunca descurar o ambiente pedagógico.”

Diário de Bordo, 3/11/2021

Nas modalidades onde o jogo era possível, tenho por hábito finalizar as aulas com o famoso sobe e desce, proporcionando momentos de grande competição, onde, por vezes, alguns alunos não conseguem lidar bem com a derrota e vitória. Siedentop (1994) fala em seis características presentes neste modelo, garantindo a autenticidade da experiência desportiva: época desportiva; filiação; competição formal; registo estatístico; festividade; eventos culminantes. Como podemos verificar, este modelo proporciona aulas completamente diferentes do habitual, algum poder do professor é passado para o aluno, de forma a exercitarmos algumas capacidades essenciais para o seu futuro, como responsabilidade, sentido de liderança, autonomia e organização, a dinâmica e a fluidez da aula depende muito destes, sendo o professor um moderador deste planeamento e intervindo nos momentos adequados.

Por fim, a verdade é que não consegui implementar este modelo na íntegra e desfrutar dos seus benefícios, sim, porque acredito que este modelo, nas situações adequadas, consiga potencializar o processo ensino-aprendizagem, fomentando nos alunos valores e conceitos jamais encontrados nos restantes. Não quero com isto dizer que este é o melhor modelo e que os restantes devem ser colocados em segundo plano, muito pelo contrário, todos eles existem para serem utilizados nos contextos adequados. Comparo esta situação com uma mala de ferramentas que um profissional leva para um arranjo, este escolhe qual a melhor ferramenta a utilizar em determinada situação podendo utilizar várias, o importante é conseguir cumprir com o objetivo. Por isso, quanto maior for a nossa mala de ferramentas, mais preparados estamos para enfrentar os problemas de forma eficaz.

A observação “Um outro olhar”

Dos vários sentidos presentes no nosso sistema orgânico, o que mais utilizei nesta caminhada foi a visão, mais concretamente, a observação de todo o envolvimento. Nesta fase, era muito importante absorver o máximo de informação de tudo o que se passava em meu redor, conhecer as novidades deste mundo da educação de forma a preparar-me da melhor forma para o meu futuro. Desde início, a professora cooperante alertou-nos para observarmos o máximo de aulas possíveis, no decorrer do processo, dos nossos colegas de estágio e dos restantes professores do grupo disciplinar. Iria ser muito útil acompanhar de fora a caminhada dos nossos colegas e perceber novos métodos de ensino por parte dos professores mais experientes. Estes momentos eram potencializados com os momentos de reflexão, tanto em grupo como sozinho,. Colocar todos os aspetos em cima da mesa e encontrar um sentido nos mesmos, perceber o porquê do meu colega ter realizado determinada situação, idealizar alternativas para os diferentes casos, anotar as ideias que iam ao encontro da minha forma de pensar, ouvir as críticas construtivas dos meus colegas e da professora cooperante. Um ciclo de acontecimentos que, a cada volta, nos transmite informação essencial para o nosso crescimento. Numa fase inicial, as nossas observações eram um pouco redundantes, não saindo muito da zona comportamental dos alunos “os alunos tiveram um bom empenho motor”, “o aluno x teve determinado comportamento”, “tirando aquele contratempo a aula correu bem”, ideias que espremidas não trazem grande relevância para o nosso crescimento. Com o passar do tempo, com ajuda da professora cooperante, começamos a tocar nas quatro dimensões pedagógicas: instrução, gestão de aula, clima e controlo da turma, formalizando uma análise mais específica dos vários constituintes pedagógicos (Siedentop, 1983).

Com o passar do tempo a qualidade das nossas observações refletiu-se nos momentos de “debate” no final das aulas, numa fase inicial nem se podia apelidar de debate porque era mais uma exposição de opiniões, mas ao longo do ano, a identidade de cada um foi ganhando força e deu asas aos momentos

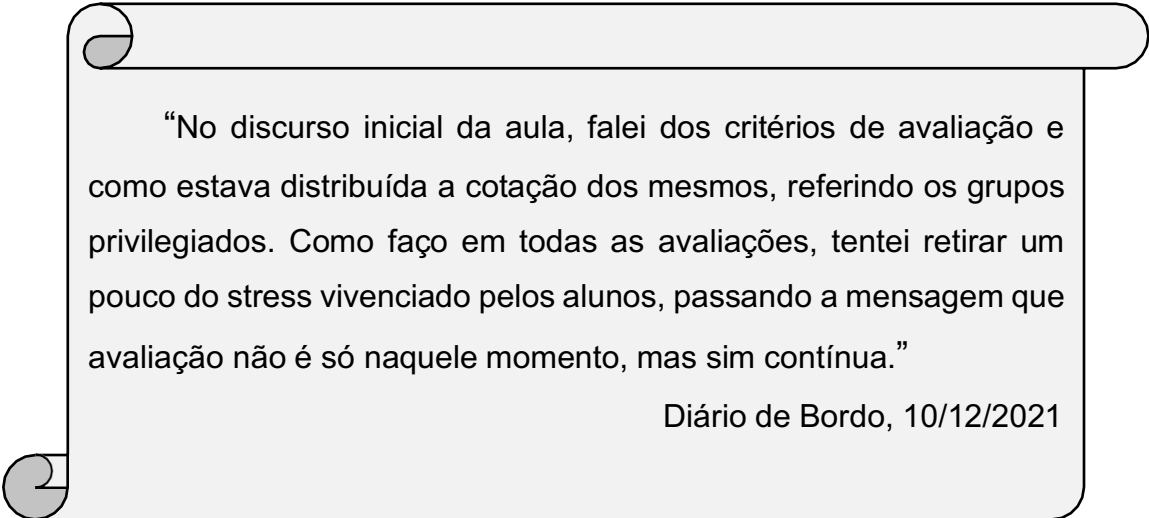
de discordância e diferentes pontos de vista. Por vezes, quando nos sentávamos todos na sala de reuniões, juntamente com a nossa professora cooperante, fazia lembrar aquelas equipas técnicas que existem nos clubes de alto rendimento, com o propósito de avaliar o processo de treino. Neste caso, o processo de ensino-aprendizagem, de forma a torná-lo mais robusto. Esta análise do processo era orientada pela treinadora principal, a professora cooperante, Helena Abrunhosa, o levantamento dos problemas em evidência, as possíveis soluções, os comportamentos a adotar em determinada situação, a projeção de atividades para os alunos, a recomendação de material necessário para o nosso crescimento a nível da cultura educacional e pedagógica, ou seja, funcionava como uma verdadeira bússola orientadora. Continuando nesta onda de comparação com a equipa técnica, falar um pouco sobre a importância do analista, professor orientador, Amândio Graça, na forma como visualiza e interpreta as várias situações. O professor despertou em mim conceitos e ideias que me vão acompanhar para o resto da minha caminhada, permitiu-me olhar para os vários momentos de instrução com outro olhar, colocando mais responsabilidades no momento de lecionação, ou seja, a relação causa e efeito, indicando que todas os comportamentos e ações ocorridas durante a aula, são consequência das escolhas feitas no planeamento da mesma. Muitas das vezes ouvia dizer “Ah, os alunos não querem aprender”, “Expliquei três vezes o exercício e eles não perceberem”, nestes momentos pensava para mim, tem de haver alguma justificação para determinado comportamento, não querendo culpar o professor, mas sim perceber o porquê do insucesso obtido em determinada aula. Ainda nesta linha de raciocínio, o professor salientava muitas vezes a importância de o aluno se sentir desafiado na tarefa, o deleite que o mesmo tinha de ter nas aulas de EF, o papel mais ativo do mesmo na aula, promovendo o sentido de responsabilidade e autonomia, a criação de uma relação de simbiose entre as duas partes que iria permitir darmos um passo em frente na educação.

Momento de Avaliar

Chegou o momento de falar um pouco sobre o momento avaliativo, aquele que nos permite avaliar os alunos e ao mesmo tempo funciona como ferramenta fundamental na análise e controlo do processo. Segundo Bento (2003), este momento é indispensável no processo ensino-aprendizagem, mantendo uma forte ligação com o momento de planear e realizar. Desta forma, o professor está mais próximo de ter sucesso nas suas funções. Juntamente com o núcleo de estágio, procurava idealizar o melhor momento avaliativo possível, dependendo do caso. O fundamental era a transmissão da mensagem pretendida. Se estivéssemos a falar de uma avaliação diagnóstica, passava pela deteção das dificuldades sentidas pelos alunos possibilitando, assim, a construção de uma unidade didática adequada para o nível dos mesmos.

Na verdade, no início de cada modalidade realizava sempre uma avaliação diagnóstica de forma a perceber o ponto da situação, preparava uma grelha de registo, “checklist”, com as várias componentes críticas a nível técnico e tático, e, durante o momento da avaliação, anotava a presença ou ausência das mesmas. Na grelha, também fazia questão de ter algum espaço para anotar algum tipo de observação, apontamentos que poderiam fazer a diferença nos próximos passos. Confesso que a minha maior dificuldade era o momento de avaliação, não na perceção e leitura do que estava a acontecer, mas sim a quantidade de informação que tinha de interpretar num curto espaço de tempo. Uma estratégia que usei sempre que os meus colegas estavam disponíveis, foi a colaboração deles nesse momento, cada um fazia a avaliação diagnóstica. Fazia questão de imprimir mais três grelhas e assim, no momento de interpretação e planificação, poderia contar com mais três opiniões. Nestes primeiros passos enquanto professor de EF, nos momentos mais subjetivos, de tomada de decisões, acho que devemos partilhar com os nossos colegas a nossa forma de pensar. Vai sempre haver alguma opinião que nos vai fazer repensar nas nossas decisões. Novas ideias vão surgir e, no fundo, todos nós vamos sair beneficiados, principalmente os alunos.

Outra dimensão, foi a avaliação formativa, aquela que me permitia ter um maior controlo do processo e perceber se os alunos estavam a conseguir atingir os objetivos propostos, caso contrário, alterá-los e reformula-los de forma a colocá-los na rota da aprendizagem. De acordo com Leite e Fernandes (2002), a avaliação formativa tem a função de monitorizar, assegurando o cumprimento das etapas previstas, a nível do professor e alunos, evitando desvios nos caminhos pré-definidos. Houve momentos durante o período, que foi nesta avaliação que foi baseada a nota de determinada modalidade, devido ao número reduzido de aulas e ao distanciamento entre as respetivas aulas, sendo esta a melhor ferramenta para a atribuição da nota. A utilização deste tipo de avaliação traz grande benefício para manter o processo ensino-aprendizagem adequado. No planeamento da própria aula, numa fase inicial, os exercícios mantinham-se iguais para todos, com o decorrer da unidade didática, os exercícios estavam organizados de forma ao aluno conseguir cumprir com o objetivo do mesmo, esta era uma das minhas preocupações no planeamento e durante a própria aula. No início das unidades didáticas, as alterações eram feitas no momento. A partir da análise realizada, alterava os critérios ou a regra do jogo de forma a permitir uma maior aproximação entre o aluno e o sucesso. A utilização de estratégias do sistema de *accountability*, estava muito presente nas minhas aulas, criar o sentido de responsabilidade nos alunos, juntamente com a prestação de contas, permite tornar o processo mais claro e os alunos atingem níveis de desempenho muito superiores. Passando para os momentos de avaliação sumativa, aqueles em que os alunos sentiam um formigueiro na barriga e sentiam aquela pressão de ter de fazer as coisas bem feitas para não serem prejudicados na nota, uma ideia errada nos alunos, esquecendo-se que se trata de uma avaliação contínua. Matos (2011) afirma que este método avaliativo funciona como uma apreciação geral, que certifica o aluno no âmbito de uma disciplina. Nestes momentos de avaliação, numa fase inicial da aula, com o auxílio de alguns alunos, líamos, em conjunto, a rubrica, realizada pelo professor, que continha os critérios em que os alunos iriam ser avaliados. Desta forma, os alunos ficam com uma noção mais clara do momento avaliativo sabendo os aspetos de maior preponderância.



“No discurso inicial da aula, falei dos critérios de avaliação e como estava distribuída a cotação dos mesmos, referindo os grupos privilegiados. Como faço em todas as avaliações, tentei retirar um pouco do stress vivenciado pelos alunos, passando a mensagem que avaliação não é só naquele momento, mas sim contínua.”

Diário de Bordo, 10/12/2021

Durante a fase de preparação, para a avaliação, fazia questão de tranquilizar os alunos e transmitia-lhes confiança e motivação, lembrando que era só mais um momento avaliativo e para darem o seu melhor. Nestes dias, era notório nas expressões faciais a ansiedade e a preocupação que crescia dentro deles. Alguns começavam a realizar mais perguntas do que o habitual, outros desculpavam-se com alguma dor no corpo, nestes dias não era preciso apelar ao bom comportamento e a um melhor empenho motor. Em relação à situação de avaliação, fazia questão que fosse similar aos exercícios realizados até ao momento, de forma a perceber o crescimento dos alunos, perceber se o processo ensino-aprendizagem se fez sentir e permitir que os alunos estivessem mais confiantes. Tal como aconteceu na avaliação diagnóstica, nesta avaliação final, caso fosse possível, contava com o auxílio dos meus colegas de estágio. Desta forma era possível comparar a minha grelha com a deles e nos casos onde pudesse ter mais dúvidas, fazia questão de ligar com eles e discutir um pouco sobre determinado aluno. Assim, sentia que estava a melhorar a minha análise e perceção do momento, afastando a hipótese de uma má leitura ou crítica sobre determinado aluno. No final de cada período, os alunos realizavam uma autoavaliação, através da qual eu conseguia perceber a perceção que cada um tinha sobre o seu desempenho ao longo do período, reconhecendo que a maioria já tinha consciência da sua nota e, por isso, do desempenho ao longo do período.

Área 2 – Participação na Escola e Relação com a Comunidade

Antes de dar os primeiros passos enquanto professor estagiário, nunca me passaria pela cabeça a quantidade de atividades em que o nosso núcleo de estágio participou e organizou durante o ano letivo. De acordo com as exigências do EP, o estudante estagiário tem como grande objetivo relacionar-se com os vários intervenientes da ecologia escolar, trazer novas ideias e formas de pensar, ter uma participação ativa nas várias atividades e conhecer melhor as possíveis ligações entre a escola e a comunidade local.

Neste capítulo não posso deixar de falar da nossa professora cooperante, ela foi a principal impulsionadora da diversidade de atividades que conseguimos proporcionar aos alunos, mostrou-nos que é possível fazer várias ligações com a comunidade e a disponibilidade que esta tem para receber os alunos. De salientar também a oportunidade de podermos contactar com os nossos alunos num contexto diferente, fortalecer a ligação com eles, ao mesmo tempo que convivemos com outros professores de outras disciplinas. No fundo, posso dizer que tive presença assídua nas várias atividades realizadas ao longo do ano, e percebi, graças à professora cooperante, a extensão que a escola pode ter neste sentido e de como, através das atividades, conseguimos deixar a nossa marca nos alunos.

Desporto Escolar- “O reбуçado para os alunos”

Este foi um dos momentos organizados pelo nosso núcleo de estágio, com o auxílio da nossa professora cooperante, a promoção de uma modalidade no âmbito de desporto escolar, rodeado de valores morais e éticos, aliando as componentes técnico-táticas do respetivo desporto. Numa fase inicial, o núcleo tinha pensado na modalidade de futebol e treino funcional, duas áreas que estavam presentes nas nossas vidas, eu e o André mais ligados ao futebol, o Pedro e o Luís com ligação à área do fitness e treino personalizado. Ficou

estipulado que às terças-feiras seria futebol e às quintas-feiras treino funcional. Confesso que não estava à espera de tanta adesão por parte dos alunos. À terça-feira, desde o primeiro dia ficou demonstrado a paixão e o gosto que eles tinham pela modalidade (Anexo V). Todo este lado emocional, por vezes, trazia coisas negativas, na entrada para os balneários, na chamada realizada antes da entrada dos alunos e durante a própria atividade, por vezes, apresentavam alguns comportamentos menos positivos. Por outro lado, às quintas-feiras o cenário era totalmente diferente, a falta de adesão dos alunos, levou ao cancelamento do treino funcional, passando a existir mais um dia para futebol. O número de alunos era tão elevado que fomos obrigados a realizar uma convocatória, consoante a presença dos mesmos. Após este acontecimento, organizamos por ciclos, ou seja, as terças-feiras, para os do terceiro ciclo, às quintas para o segundo ciclo. Esta foi a forma que encontramos para manter o número de alunos, aproveitando para reduzir as diferenças de idades que, por vezes, se faziam sentir em alguns momentos.

Foi através da oficina, o jogo, que o desporto escolar se foi desenvolvendo, conseguindo reunir as condições necessárias para uma prática pedagógica eficiente. De uma forma geral, os alunos quando gostam de determinada modalidade, apresentam um comportamento e atitude próxima da idealizada pelo professor. Neste caso, não foi exceção, a motivação durante os jogos e a predisposição para ficar mais tempo, são atitudes que transmitem o grau de satisfação dos alunos, deixando aquele sentimento de dever cumprido, sim. Ver no rosto deles alegria, prazer e ambição é fomentar neles elementos chave para o seu futuro. Como já foi referido mais acima, toda esta disponibilidade e energia, por vezes, tinha de ser canalizada para os momentos certos, deixando de lado atitudes e comportamentos prejudiciais ao ambiente de aprendizagem. Numa fase inicial, os alunos viam aquilo como uma situação de recreio, alguns diziam palavrões, tentavam impor algumas regras, atitudes antidesportivas e algum exagero com a bola em determinados momentos do jogo. De forma natural fomos limando estas arestas até chegarmos ao ambiente de aprendizagem pretendido, orbitando conceitos como respeito, superação, companheirismo, cooperação e paixão pela modalidade.

Os locais de realização do desporto escolar eram o pavilhão e o campo sintético exterior. Dependendo do número de alunos, usava-se uma ou as duas

instalações. Inicialmente, antes da divisão, os do segundo ciclo tinham preferência pelo pavilhão, os mais velhos gostavam do sintético, acabando por trazerem chuteiras de forma a manter a segurança e a desfrutarem do momento. Uma experiência muito enriquecedora, que me permitiu conhecer novos alunos, passar um pouco da minha experiência, a nível da modalidade e ao mesmo tempo de preparação para a vida, uma forma de atuar que me permite chegar ao lado emocional dos alunos e criar diferentes relações sociais com eles.

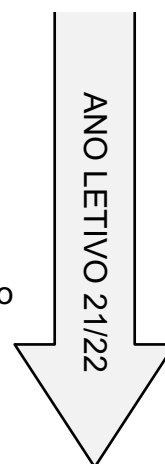
Atividades não letivas ao longo do ano letivo

Em relação às atividades realizadas ao longo do ano, nas quais tive a oportunidade de participar contribuindo para a organização e dinâmica das mesmas, confesso que quando tinha a idade deles adorava as atividades organizadas pela escola, tornavam o dia mais significativo, promovendo momentos especiais entre alunos e professores que até aos dias de hoje trago comigo na memória. Foi com esta linha de raciocínio que me guiei nas várias atividades ao longo do ano, promovendo momentos significativos com os alunos e tornando estes seus dias mais marcantes.

Atividades ao longo do Período:

- 1 > Atividade da Dança e do Badminton
- 2 > Boccia
- 3 > Jogos sem Fronteiras
- 4 > Corta Mato Escolar
- 5 > Jogo Professores Alunos
- 6 > Atividade Basquetebol com os alunos do 4ºano
- 7 > Sarau Cultural
- 8 > Parque da Cidade – Atividade 4º ano

SETEMBRO



JUNHO

Último encontro - Roteiro a Viana do Castelo

Ao longo do ano letivo estas foram as atividades em que tive o privilégio de participar. Cada uma delas trouxe-me desafios e papéis diferentes, no entanto, independentemente da atividade encarei as mesmas de igual forma e com responsabilidade. Na primeira atividade, lembro-me como se fosse hoje, a minha função era controlar e organizar, de forma eficaz, os alunos pelo pavilhão, incentivando-os para a realização da coreografia geral. Nos jogos sem fronteiras, corta-mato e na atividade do 4ºano, funcionou por estações ficando, cada professor, responsável por cada uma, tendo a responsabilidade de manter uma boa dinâmica e de integrar os alunos. No jogo professores alunos, é um dos momentos mais esperados nas escolas, quando os alunos têm a oportunidade de se “vingar” de alguns professores e mostrar as suas qualidades futebolísticas. Foi a atividade que mais se sentiu na escola, meses antes, enquanto passávamos pelos corredores ouvíamos “No dia 6 vão aprender a jogar”, “Preparem-se para perder”, este tipo de frases motivacionais que criava uma empatia diferente com os alunos. No dia, apesar da derrota pesada, foi um momento que nunca mais esquecerei, toda a escola a ver o jogo, fazia lembrar os tempos antigos de futebol de rua, duas equipas a disputarem o jogo, na presença de um elevado número de pessoas que ansiava por este momento. Este momento, foi tema de conversa até ao final do ano, os alunos não desperdiçavam nenhuma oportunidade de falarem sobre o mesmo, originando vários momentos de brincadeira e divertimento.

O dia do Sarau Cultural, mais um momento inesquecível, o dia em que a turma do 8º A realizou uma peça de teatro para o público, de forma a angariar dinheiro para a viagem de finalista do próximo ano. Nesse dia, tive papel de “psicólogo”, em tom de brincadeira, os alunos apresentavam-se muito agitados e nervosos, com medo de errar no momento de atuar. Apesar de todo este nervosismo, tiveram um desempenho notável, alguns com jeito e interesse especial nesta área (quem sabe se não poderá ter sido o início de algo). A última atividade está separada das demais por ter um caráter especial, uma inesperada visita à minha terra natal. Numa conversa com a professora cooperante, surgiu a possibilidade de juntar todos os professores e de, no final do ano letivo, realizarmos uma visita até Viana do Castelo, a cidade onde nasci e poder apresentá-la aos meus primeiros colegas de trabalho. Foi um enorme prazer e estou eternamente agradecido por este momento. Juntamente com o meu

colega André, realizámos um roteiro, de forma a tornar o dia especial e marcante, passando pelos locais mais significativos da cidade. Foi desta forma que fechei o capítulo na Pêro Vaz de Caminha, pelos caminhos da famosa “Pérola do Lima”.



Figura 8 – Visita à cidade de Viana do Castelo

A Relação com a Comunidade

No que toca a este tópico, o nosso núcleo de estágio, juntamente com a nossa professora cooperante, proporcionou aos alunos momentos inesquecíveis, que jamais irão esquecer. Esta relação com a comunidade é sempre uma ligação muito enriquecedora para o currículo do aluno a nível cultural e experimental. Devido ao ambiente social em que a escola está inserida, e o contexto familiar em que alguns alunos se encontram, faz ainda mais sentido este tipo de ações, proporcionando aos alunos emoções e experiências únicas.

As várias ligações concebidas:

- 1) Ginásio da Maia (Hidrobike, Musculação, Hidroginástica)
- 2) The North Wall – Escalada
- 3) Cinema- Homem Aranha: Sem Volta a Casa
- 4) Complexo Municipal de Ginástica da Maia
- 5) Paddle
- 6) Visita ao Museu da ÁGUA
- 7) Golfe
- 8) Remo e Paddle
- 9) Futebol de Praia e Surf - Praia de Matosinhos
- 10) Paintball

Estas foram algumas das atividades realizadas ao longo do ano letivo. De uma forma geral, todas elas tinham o objetivo de proporcionar experiências novas aos alunos, acabando por retirar o aluno da rotina escolar.

Na maioria das atividades, tivemos a oportunidade de experienciar as mesmas coisas que os alunos realizavam. No dia da parede de escalada, juntamente com os alunos, tentávamos perceber qual o melhor trajeto para subir e desafio estava sempre presente entre nós e eles. Nessa mesma atividade, lembro-me que tive de fazer algumas chamadas de atenção devido ao incumprimento higiénico, algum lixo deixado após o lanche (esta também é uma

das principais preocupações do professor, transmitir valores e atitudes cívicas). No municipal da Maia, tive a oportunidade de lembrar os velhos tempos da ginástica e colocar em prática alguns conhecimentos da licenciatura, ficando no auxílio das barras paralelas. A visita ao museu da água foi bastante interessante, pelo facto de poder lembrar algumas coisas do ensino básico e ao mesmo tempo saber algumas novidades sobre o ciclo da água. O dia do golfe, no município de Paredes, foi mais um momento significativo. Devido à pouca experiência em relação à modalidade, os momentos caricatos não deixaram de aparecer, as falhas na bola, as distâncias reduzidas que esta atingia e as trajetórias irrisórias, permitiram ver que ainda tínhamos muito aprender nesta modalidade. No geral, uma atividade que correu bem e que os alunos adoraram. Remo e Paddle, neste dia o esforço foi a dobrar, na mesma atividade conseguimos experienciar duas modalidades distintas, remo já tinha realizado no passado, no entanto, paddle foi a primeira vez que experienciei, manter o equilíbrio nas águas do rio Douro foi fundamental para manter a minha pessoa na posição vertical. Quando chegou a altura de remar, em cooperação, com o meu colega André, houve um momento muito caricato, uma das canoas virou e tornou-se o momento da atividade, o trabalho de equipa é importante, caso contrário o “barco” vira.

Ao longo do ano, apareceu a oportunidade de realizar uma atividade, na praia de Matosinhos, direcionada para umas das minhas maiores paixões, futebol de praia. Sendo praticante da modalidade, e tendo verificado que muitas das vezes as crianças destas idades têm pouca ligação com esta modalidade, achei por bem apresentá-la numa praia muito particular. A atividade foi planeada tendo em conta a pouca resistência dos alunos, aproveitando os vários tempos de pausa para desenvolver alguns temas da modalidade e na parte final fizemos jogo, em conjunto com os professores. Por último, foi a vez de pegarmos nas armas e castigar alguns alunos, uma atividade que no final acabou com almoço entre todos, professores e alunos. A atividade funcionou por equipas, ficando eu numa e o professor André noutra. A experiência desenvolveu-se através do uso de estratégias e muita comunicação, uma atividade que promove noções importantíssimas para o futuro dos nossos alunos. Muitas equipas realizam atividades deste tipo no início das épocas, julgo útil, no início dos anos letivos,

promover atividades deste tipo, onde a comunicação e o trabalho de cooperação sejam os eixos basilares da atividade.



Figura 9 – Relação com a comunidade

Área 3 – Desenvolvimento Profissional

Uma maior/menor motivação nas aulas de Educação Física: Estudo sobre os fatores e causas que influenciaram a perspectiva dos alunos

Introdução

Este estudo foi construído de forma a poder melhorar a minha presença no momento de lecionação, ter uma melhor percepção de uma das grandes dimensões da educação e aprofundar o meu conhecimento neste campo motivacional, que certamente me vai trazer vantagens a nível da educação e no treino desportivo. Sou treinador de formação desde 2018, um caminho que decidi escolher desde muito cedo, formar jovens atletas e prepará-los para o verdadeiro sentido da vida. Durante estes anos tenho vindo a perceber a importância do lado emocional do ser humano, o poder que este tem nas nossas decisões, na forma como realizamos as atividades do dia a dia, ficando assim demonstrado que tem grande relação com o lado cognitivo de uma pessoa. Durante este período letivo, no final das aulas, muitas vezes nos interrogávamos sobre como era possível determinado aluno apresentar-se num dia de uma forma de estar e noutro outra totalmente diferente. Uma problemática já esperada, mas que nos acompanhou de início ao fim, principalmente na nossa turma partilhada. Perante esta problemática que se fez sentir e que abarca grande parte dos contextos similares, achei pertinente investigar sobre o processo vivenciado pelos alunos do 8º ano, percebendo quais os fatores que influenciam a sua motivação nas aulas de EF. O índice de motivação tem influência no empenho e nas atitudes dos alunos nas aulas, quanto mais elevado este for, maior será o desenvolvimento dos alunos nas aulas de EF (Múrcia et al., 2007).

De forma a dar continuidade à investigação, no final do ano letivo foi entregue aos alunos um questionário relacionado com a problemática, posteriormente iria ser realizada uma análise dos dados recolhidos e apresentação dos respetivos resultados. De forma a garantir a presença dos mesmos, alguns conceitos são de extrema importância quando se fala nesta temática: o fator competição, competência percebida, amotivação, motivação intrínseca e motivação extrínseca.

De acordo com Lawson e Lawson (2013), ao conseguirmos que as aulas de EF se tornem interessantes e energéticas, ao ponto de os alunos se envolverem nas mesmas, permite-nos que os alunos mantenham este comportamento ao longo do tempo e acima de tudo a busca do sucesso escolar nos mesmos.

Enquadramento do Estudo

Na preparação das aulas e no decorrer das mesmas, existem tantas variantes em “jogo”, que a grande dificuldade passa pelo controlo das mesmas. Conseguir dominar as várias dimensões pedagógicas durante uma aula é algo que não se adquire de um dia para o outro, nem mesmo durante alguns anos. O elemento chave para conseguirmos atingir este propósito, é o fator experiência, que vamos consolidando nos vários capítulos deste livro, podendo voltar a lê-los nos momentos mais convenientes. Entre os vários capítulos deste livro, vamos direcionar a nossa atenção para o da motivação. Lecionar para alunos motivados é totalmente diferente de lecionar alunos desmotivados, desta forma, é do interesse de qualquer professor conseguir controlar a motivação dos seus discentes. Martini e Boruchovitch (2004), referem que as aulas de EF devem aumentar a motivação dos alunos, promovendo contextos cooperativos com domínio na tarefa, apropriar a tarefa às características dos alunos, promover sentimentos de competência e autonomia, através de estratégias bem delineadas.

Continuando nesta linha de pensamento, um dos aspetos que tem influência nesta temática é o fator competição, podemos olhar para a competição de duas formas, em termos de comparação com um indivíduo ou um resultado

preestabelecido. Tal como define Ferreira (2000, p.97), competição “é um encontro social entre dois ou mais indivíduos, que embatem por um objetivo e o mesmo estabelece a supremacia de um dos lados”. A competição existente na escola tem de ir para além do resultado, aos poucos temos de desvendar o poder que o jogo tem no ser humano, o prazer e o desfrutar em cada momento do jogo. Desta forma, iremos retirar o peso, por vezes negativo, do resultado e iremos colocar em evidência o verdadeiro sentido da competição no contexto escolar. Como refere Gomes e Júnior (2013), a competição está sempre presente na vida de qualquer indivíduo, por isso, a existência de competição nas atividades escolares é fundamental para o crescimento dos nossos alunos, contribuindo para uma formação mais representativa. Esta dimensão competitiva permite chegar a outros conceitos como responsabilidade, superação, ousadia e foco. Sem ela, a prática de um jogo não passava da mera diversão e acabávamos por desvirtuar o verdadeiro sentido da palavra jogo. Cabe ao professor idealizar contextos que permitam aos seus alunos terem as mesmas oportunidades, sendo estes normais ou com necessidades educativas especiais (Gomes & Júnior, 2013). Esta ideia tem de ser levada de início ao fim de qualquer processo, só desta forma é que vamos conseguir colocar de mão dada a competição com a inclusão.

Na verdade, o professor durante a aula realiza várias análises sobre o desempenho dos alunos, construindo ao longo do processo uma ficha de caracterização de cada um, que será útil nas decisões futuras. Este acontecimento verifica-se nos alunos, ou seja, ao longo do processo o aluno tem uma perceção da sua própria habilidade, o que acaba por influenciar a motivação. Os alunos com crenças positivas, estão associados a um melhor aproveitamento e manutenção do interesse na tarefa. O processo instrucional operacionalizado pelo professor tem forte influência na perceção do aluno em relação à sua prestação, como por exemplo os feedbacks emitidos pelo mesmo e o clima criado durante as aulas. Um outro aspeto de grande relevância está relacionado com a tarefa em questão, ou seja, a preocupação em adequar o exercício aos alunos, permitindo que estes tenham uma taxa de sucesso e insucesso equilibrada, mantendo-os numa zona de aprendizagem progressiva. A falta de habilidade por parte do aluno, onde o mesmo tem essa perceção, é um fator limitador do envolvimento com a prática desportiva, (Rink & Graham,

1996). De acordo com Nicholls (1989), existem pessoas orientadas para a tarefa e outras para o rendimento, a diferença reside na forma como avaliam a sua competência. Estando orientada para a tarefa, a competência percebida torna-se menos relevante, o aluno foca-se no domínio da própria tarefa e perante o fracasso tem uma maior persistência. Do lado contrário, um aluno motivado para o rendimento, coloca grande ênfase na avaliação da sua competência, após isso, se realmente conseguir demonstrar maior capacidade normativa, este apresenta um maior estado motivacional, caso contrário, o aluno vai tentar evitar as situações competitivas e por vezes, adotar atitudes negativas. Esta problemática foi sentida no decorrer das minhas aulas, os alunos mais competitivos, quando se sentiam ameaçados, apresentavam desculpas e comportamentos menos adequados para a aula (Henrique & Januário, 2005).

Numa aula de EF, os alunos têm diferentes tipos de motivação, uns realizam a aula porque têm prazer e se sentem agrados com a realização da mesma. Outros participam na aula devido a estímulos externos e as consequências resultantes. O terceiro tipo, é aquele aluno que não apresenta qualquer motivação, passando uma mensagem de desinteresse em relação ao que lhe é pedido. Aos olhos de Deci e Ryan (2000), as grandes diferenças entre MI e ME, é que na motivação intrínseca o indivíduo realiza a atividade por interesse próprio, na motivação extrínseca, são apresentados estímulos externos aos alunos, a ação ocorre devido às consequências do desempenho. Múrcia et al. (2007) defendem que a motivação mais autodeterminada tem resultados relevantes a nível cognitivo, comportamental e afetivo, havendo uma melhor compreensão da intervenção do professor, evitando assim, os casos de frustração. Este aspeto foi visível nas aulas, entre os alunos competitivos, havia alguns que ficavam desapontados com a sua prestação, acabando por desligar um pouco do momento de aprendizagem. Por outro lado, temos os alunos que, perante a dificuldade, respondem de uma forma mais racional, ou seja, tem uma melhor perceção do processo desenvolvido e durante a tarefa têm mais momentos de prazer e satisfação. Esta diferença sentida nos alunos, é possível devido à interiorização que cada um faz durante as várias experiências, como refere a teoria da autodeterminação. Na motivação intrínseca existem três necessidades psicológicas básicas, o sentimento de autonomia por parte do aluno, competência percebida, que vai trazer emoções positivas ao mesmo e por

fim o relacionamento interpessoal (Parente, 2015). Continuando nesta linha de raciocínio, podemos observar um espectro, numa das pontas encontramos a motivação, o nível mais baixo de autodeterminação, por parte do indivíduo, na outra ponta, a motivação intrínseca, o ponto mais alto de autodeterminação, onde imperam conceitos como satisfação, prazer e autonomia. Entre estes dois polos, encontramos a motivação extrínseca, que pode realizar diversos tipos de ligação, de caráter externo, onde o aluno procura satisfazer algum fator externo, por exemplo, uma recompensa, ou de natureza interna, em que realizamos algo voluntariamente, mas com sentido instrumental, por exemplo fazer atividade física para ter um estilo de vida saudável.

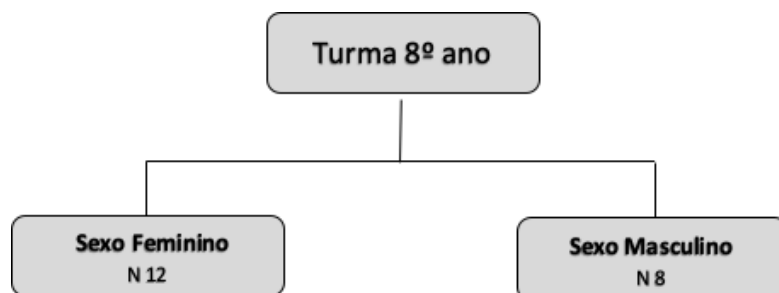
Em relação à motivação, como o próprio nome indica significa uma pessoa que não apresenta qualquer tipo de motivação para realizar determinada tarefa, acabando por abandonar a situação em concreto (Edmunds, Ntoumanis, & Duda, 2007).

Como podemos ver, a motivação é regulada por estímulos intrínsecos e extrínsecos, dependendo das suas influências. Atuámos de determinada forma (Davidoff, 2001), se for um contexto prazeroso, onde o aluno tem interesse próprio, entramos no campo da MI, caso contrário, em função de uma recompensa já entramos no campo da ME.

Material e Métodos

Em relação à recolha, numa fase inicial pensei em colocar aos alunos do 6º ano, a nossa turma partilhada, no entanto, como estes vivenciaram diferentes tipos de instrução e a própria dinâmica da aula era diferente, devido à existência de quatro professores, decidi que a amostra iriam ser os alunos do 8º ano. Nesta turma, apesar de ter partilhado muitas ideias com os meus colegas e professores, o processo desenhado teve um cunho pessoal e é a partir deste que pretendo perceber o que mais motivou os alunos durante esta caminhada e por outro lado, o que por vezes, desmotivou ou provocou uma mudança de atitude. Assim sendo, para este estudo, foi utilizado um questionário, com 20 perguntas, dez questões relacionadas com situações desmotivadoras, a outra metade com situações motivadoras. O momento de recolha foi no final do terceiro período,

havia duas salas em funcionamento, uma para receber os alunos, a outra para a realização dos questionários (Anexo IV). Com a ajuda da professora cooperante, que vigiava a sala de receção, poderia ter um maior controlo da sala de preenchimento e assegurar ao máximo a fiabilidade dos questionários, não permitindo eventuais trocas de informação.



Idade			
12 anos	13 anos	14 anos	15 anos
15%	75%	5%	5%

Figura 10 – Composição da turma do 8ºano por sexo e idade

Apresentação e Discussão de Resultados

Na apresentação e discussão dos resultados, vamos perceber quais as respostas que tiverem mais relevo, tanto do lado motivacional como desmotivacional. O próximo passo é dissecar esses mesmo resultados, através da compreensão da origem dos mesmos, relacioná-los com as várias dimensões da instrução e desta forma ter um melhor entendimento do processo delineado. De forma a tornar o estudo mais rico podemos contar com alguns relatos dos alunos do 8º ano, que no final do ano preencheram a ficha de autoavaliação, deixando um breve comentário aos tópicos mencionados pelo professor.

	NUNCA	Poucas Vezes	Muitas Vezes	Sempre
As aulas são repetitivas	20,00%	80,00%	0%	0%
O pavilhão é muito desconfortável	55,00%	35,00%	10,00%	0%
Os rapazes ajudam as meninas a participar nos jogos	10,00%	50%	40%	0%
Os meus colegas criticam-me quando falho	25%	40%	30%	5%
Gosto das atividades propostas pelo professor	0%	0%	65%	35%
Tenho vergonha do meu corpo	55%	15%	20%	10%
Tenho medo de me magoar	40%	35%	20%	5%
Sinto-me mal quando erro	30%	40%	10%	20%
O facto de suar nas aulas desinteressa-me de as fazer	70%	20%	5%	5%
Gosto das situações competitivas que ocorrem nas aulas	0%	15%	50%	35%
Sinto que a Educação Física é importante para a aprendizagem do desporto	0%	0%	40%	60%
Sinto que a Educação Física é importante para melhorar a minha aparência	0%	10%	50%	40%
Sou incentivado pelos meus colegas	0%	30%	55%	15%
Sinto prazer em realizar as atividades propostas	0%	0%	50%	50%
Sinto-me bem a jogar com os meus colegas	0%	10%	40%	50%
Sinto-me capaz para realizar as atividades propostas	0%	0%	50%	50%
Gosto da diversidade de atividades nas aulas	0%	0%	25%	75%
Gosto das situações competitivas criadas nas aulas	0%	5%	50%	45%
A interação com os colegas deixa-me animado para participar nas aulas	0%	5%	45%	50%
Quando erro, o professor procura dar-me confiança.	0%	0%	10%	90%

Figura 11- Dados relativos ao questionário aplicado, percentagem das várias respostas ao questionário sobre a motivação

Numa análise mais geral à tabela, da figura 10, podemos observar que os alunos tiveram uma boa experiência com a disciplina de EF, encontrando nela, momentos de alegria, amizade, superação, prazer e competência nas várias tarefas realizadas. No questionário elaborado, na parte inicial, fiz questão de colocar uma pergunta em relação à motivação dos mesmos, para as aulas de EF, em relação aos anos transatos, à qual todos eles responderem estar com “maior” motivação. De acordo com Hassandra et al. (2003) afirmam que os alunos ao se sentirem interligados com o professor e com o conteúdo lecionado, apresentam melhores índices de competência e autonomia, traduzindo-se em aumentos significativos de motivação. A ligação que consegui criar com a turma, foi sem dúvida, a rampa de lançamento para o sucesso, a conquista da turma e

a formatação dos mesmos para o período de aula, o interesse demonstrado pelos mesmos durante as aulas, a atitude positiva durante as aulas e chegar ao final da caminhada e ler relatos como os que vão ser mencionados mais à frente, deixa-me de coração cheio e com a sensação de missão cumprida. Ao longo da apresentação e análise dos resultados, utilizei as siglas F1, F2...F11 para identificar as meninas e M1, M2...M13 para os rapazes, desta forma cumprimos com o anonimato determinado.

A Importância de aulas não repetitivas, um dos Desafios do Professor.

Iniciando a leitura à tabela, verificamos a satisfação dos alunos em relação às atividades propostas ao longo do ano. Tanto a nível da tarefa como da dinâmica das próprias aulas, sempre procurei que a aula tivesse uma dinâmica e energética, permitindo que os níveis de físicos fossem elevados, assim como o aspeto mental fosse chamado à ação, através de estratégias de instrução. Segundo Carlson e Hastie (1997), referem que os objetivos dos alunos têm diferentes propósitos como: divertimento, socialização, aprovação, afastamento dos problemas. No fundo, da mesma forma que nós pretendemos concretizar as nossas expectativas, os alunos também desejam o mesmo. Foi nesta linha de raciocínio que planeei as diversas aulas, para além de procurar cumprir com os objetivos, a nível de matéria, levava sempre em conta o prazer e as emoções que os próprios exercícios podiam despoletar no aluno, a diversidade e adequação dos mesmos é que torna tudo isto possível. Ao olharmos para a primeira questão “As aulas são repetitivas?”, todos os alunos assinalaram na opção “Nunca” e “Poucas Vezes”, ficando demonstrada a presença desta criatividade e diversidade no processo delineado. Segundo Hastie (1997), a novidade, traduzida em atividades e estratégias de ensino inovadoras permitem conquistar atenção dos praticantes, funcionando assim como facilitador do processo de aprendizagem.

“O professor ensina muito bem e tem várias técnicas de ensinar os diversos desportos, que aprendemos ao longo do ano. As aulas do professor são sempre boas e arranja sempre formas fixas de ensinar a aula.” (F1)

“Contudo, gosto dos exercícios que o professor escolheu para abordar os diferentes assuntos” (F2)

Na pergunta dezassete, “Gosto da diversidade de atividades nas aulas?”, as respostas recaíram do lado oposto “Muitas vezes” e “Sempre” desta forma permite confirmar a identificação dos alunos com as aulas e com o próprio professor.

A Atmosfera criada e o Relacionamento entre os vários Intervenientes

Como já foi referido algumas vezes, a atmosfera criada e o relacionamento com os alunos são indispensáveis para a realização de uma boa prática pedagógica. Desta forma procurei, desde o início, a conquista de um “troféu” que me iria permitir chegar a outros patamares. Devido à minha personalidade e à forma de me relacionar com as pessoas, essa conquista ocorreu de forma natural, permitindo uma simbiose entre aluno-professor. Para este ambiente relacional positivo, devemos ter algumas preocupações, proporcionar cordialidade, valorizar os alunos, “sendo numa atmosfera de confiança e de segurança que os jovens aprendem como enfrentar desafios em contextos alargados de pessoas, locais ou circunstâncias” (Rosado & Mesquita, 2009, p.198). Este relacionamento tem de ser muito bem gerido, tem de funcionar sempre como um facilitador e catalisador do processo ensino-aprendizagem. Ao estarmos a pensar mais no aluno, não significa que deixamos de pensar nos propósitos da prática, a busca de níveis superiores de aprendizagem será sempre um dos objetivos do professor. Tem de existir um equilíbrio entre estas duas dimensões, nenhuma é superior à outra, mas as duas são essenciais para a criação de uma dinâmica de aula especial, onde para além da aprendizagem se criem momentos únicos.

“Acho que o ano correu bem e que o método de ensino do professor foi eficiente e eficaz, pois acho que compreendi as matérias melhor que nos outros anos. Acho que o professor também se conseguiu inter-relacionar com os alunos de uma forma inusual, num sentido positivo.” (M1)

“Na minha opinião o professor lecionou as aulas de maneira dinâmica, organizou bastante bem as aulas e ensinou muito bem aquilo que nos teve de ensinar. Acho que o professor é bastante simpático, divertido e sempre com um sorriso na cara!” (F3)

“Eu acho que em relação ao professor eu gostei das aulas, acho que explica bem as coisas e o que temos de fazer e o ambiente nas aulas foi bom.” (M2)

Desta forma, numa análise à tabela da Figura 10, temos quatro questões ligadas ao bom ambiente sentido durante as aulas, nas questões treze, quinze, e dezanove uma ligação mais ao relacionamento entre os alunos, na pergunta vinte a importância do incentivo do professor aos alunos. Esta foi a dinâmica que idealizei antes de iniciar esta caminhada, e posso dizer que consegui cumprir com esse objetivo, aliando aprendizagem ao lado efetivo. Martini e Boruchovitch (2004) referem a importância das aulas de EF elevarem a motivação dos alunos, para isso, a promoção de ambientes cooperativos, o domínio nas tarefas, a adequação das mesmas, a promoção de competência e autonomia e a utilização de FB positivo, são coordenadas essenciais para chegarmos a esse propósito.

O sentimento de Competência na Tarefa Prazerosa

Continuando nesta onda de resultados, chega a vez de falarmos da competência na tarefa, como já foi referido anteriormente é importante que o aluno se sinta competente na realização da tarefa, ou seja, adequar da melhor forma a tarefa ao aluno. Não quero com isto dizer que devemos facilitar nas

tarefas, muito pelo contrário, a dificuldade tem de estar presente, agora temos de garantir que o aluno tem as ferramentas para atingir o objetivo com uma frequência razoável. A tarefa, quando é demasiado difícil, pode causar no aluno frustração e desânimo, influenciadores negativos da confiança e competência do aluno. Por outro lado, uma tarefa demasiada fácil não vai contribuir para a aprendizagem do aluno, o elemento, desafio, não se encontra presente e por isso não existe qualquer estimulação do processo de aprendizagem. De forma a manter este sentimento de competência na tarefa, é importante haver uma monitorização do processo, permitindo realizar as alterações necessárias e promover uma taxa de sucesso cada vez maior na tarefa. Ao longo do processo, vamos alterando os critérios de êxito, após a materialização dos mesmos, desta forma conseguimos a progressão sustentada e uma aquisição do conteúdo mais consciente. Na análise da tabela (Figura10), observamos três questões que vem ao encontro desta dimensão, falo da pergunta número cinco, catorze e dezasseis, onde se demonstra o prazer e o sentido de competência por parte dos alunos. Durante o ano letivo, foram algumas as vezes em que tive de alterar a tarefa, tanto a nível de objetivos como de critérios de êxito, confesso que é das coisas que me dá mais prazer, perceber que o aluno não está na zona de aprendizagem, alterar o exercício, adequando-o ao aluno e após isso voltar à observação e perceber se as modificações foram bem sucedidas. Segundo Piéron (1988) alguns elementos são essenciais para a consecução de objetivos: o tempo de atividade, a organização da mesma, a informação do estado do praticante e por fim a importância de realizar as atividades com prazer, numa ambiência de afetividade positiva e satisfatória. Outra forma de trazermos o sentido de competência no aluno, é através das abordagens construtivistas, onde o aluno é colocado no centro do processo, com um papel ativo na construção das aprendizagens, concedendo a estas, um sentido e significado diferente. Qualquer conceito que seja transmitido num ambiente prazeroso, tem mais significado, se queremos deixar marca nos nossos alunos, só desta forma faz sentido.

A Aparência e a Cultura desportiva, **influenciadores na Motivação alunos.**

Estas duas temáticas ressaltaram na discussão dos resultados, ficando demonstrados outros caminhos onde podemos influenciar positivamente os nossos alunos. Não chega ao professor apresentar elevadas valências a nível técnico, das diferentes modalidades, é necessário que as suas conceções de ensino sejam objeto de reflexão, assim como, os valores éticos do desporto. Uma formação centrada nas atitudes, nos valores, nas crenças, nas conceções de Homem e da vida. Desta forma, conseguimos chegar aos alunos de formas diferentes, transmitindo-lhes ferramentas para além do programa curricular. Só desta forma é que vamos conseguir que os nossos alunos olhem para nós como líderes, a transmissão de valores e formas de estar na vida, permitiu-me mexer um pouco com o lado emocional dos mesmos, ao ponto de estes me pedirem para lhes dar “aquela palestra motivacional e realista”, nesses momentos ri-me, mas, por dentro, estava de coração cheio. Segundo Tradif (2002), o saber do professor é plural e social, estando ligado ao trabalho, ao ensino, à instituição e à sociedade (Lüdorf, 2009). Nesta linha pensamento, quanto maior for o número de ligações entre estas grandezas, mais significado vai ter a informação transmitida, conseguindo desenvolver as várias temáticas de uma forma mais representativa e valorativa.

Numa sociedade consumidora, onde a aparência tem um peso considerável, as pessoas procuram moldar o seu corpo, de forma a contruírem uma imagem idealizada, que lhes permita estar confortável no seu dia a dia. A EF, devido às suas proporções pode ter um grande contributo nesta temática, as alterações que se conseguem obter a partir do exercício físico, assim como a perceção do próprio corpo, são algumas das extensões da EF, fomentando no aluno uma melhor compreensão corporal. O conhecimento de alguns hábitos de saúde e prática de atividade física pode levar alguns alunos a modificarem a sua forma de estar na vida. Confesso que se tivesse realizado este questionário durante o ano letivo, teria tido em atenção esta temática, trazendo-a para o ambiente de aula.

Como afirma Fiorentini (2008), as pesquisas sobre o estágio indicam que, se queremos formar professores capazes de produzir e avançar nos conhecimentos curriculares, transformando a prática/cultura escolar, então é preciso que eles adquiram uma formação inicial que lhes proporcione uma sólida base teórica e científica, relativa ao seu campo de atuação, que deve ser desenvolvida apoiada na reflexão e na investigação sobre a prática (Fiorentini, 2008).

A Importância de a “Balança Competição” estar equilibrada.

Voltando a uma temática que teve grande preponderância, no processo delineado, a competição é um elemento que deve ser gerido de uma forma muito cuidadosa e racional. Ela tem de funcionar como um ponto a favor do processo e nunca como um entrave do mesmo. A existência dela é essencial, no entanto, a forma como é colocada e gerida tem de ser muito bem pensada. Como já foi referido anteriormente ao longo deste documento, a adequação dos exercícios, a garantia de que o aluno tem ferramentas para atingir o propósito dos mesmos e o controlo do ambiente competitivo, são alguns fatores relevantes para a criação de ambientes de aprendizagem. Caso contrário, ao colocarmos situações competitivas nas aulas, a palavra chave, aprendizagem, deixa de funcionar, desvirtuando o verdadeiro sentido da disciplina.

“Se bem que quando se trata de competitividade fica um ambiente horrível, cheio de pressão por parte dos colegas” (F2)

Segundo Rosado e Mesquita (2009), as situações competitivas nas aulas, acompanhadas de reconhecimento e bonificação, permitem que o aluno tenha um empenho ativo nas aulas. Esta foi uma das formas de eu incentivar os alunos nas diversas tarefas, os sistemas de *accountability* faziam com que os alunos tivessem de prestar contas no final da mesma e esta responsabilização permitia aumentar os índices de desempenho do aluno, potenciando, assim, o processo de aprendizagem. Esta busca pelo resultado e pela vitória merece uma atenção

especial da nossa parte, chamando atenção para as dimensões éticas e positivas da competição, valorizar o esforço e o trabalho em equipa, assim como os princípios e regras do fair-play. Deste modo chegamos ao equilíbrio da tal “balança”, a busca da vitória e os ambientes competitivos, proporcionados nas aulas não podem ser vistos como ameaças para alguns alunos, mas sim como mais um desafio, desta forma procuramos a aliança entre competição e inclusão.

Os Rapazes como facilitadores na Integração das raparigas.

Esta problemática não se fez muito sentir durante as aulas, até porque não permito que atitudes discriminatórias ganhem peso. Ao longo do ano letivo, nos momentos de jogo, onde há mais competição, determinados alunos tinham comportamentos menos positivos para os colegas de turma, não percebendo que os mesmos podem ter consequências bastante negativas para os colegas visados. Nesses momentos, procurava passar a mensagem, aos rapazes, que determinados comportamentos não eram nada saudáveis para o ambiente da aula, fazendo-os mesmo sentir-se mal com as atitudes tomadas. Algumas pesquisas revelam que os grupos mais marginalizados são as raparigas (Ennis, 1999; Evans et al., 1997; Hastie, 1998) e os alunos menos dotados (Rosado & Mesquita, 2009). No entanto, alguns rapazes funcionavam mesmo como verdadeiros auxiliares, nos momentos mais críticos para os restantes alunos, na modalidade de futebol, os alunos com mais facilidade, tinham um papel de tornar o jogo simples e ao mesmo tempo explicar e auxiliar nas dúvidas dos restantes colegas. No planeamento das aulas, mais concretamente nos exercícios, devemos ter uma preocupação com a equidade de oportunidades, garantindo que a tarefa, para ambos os sexos, tem o mesmo número de oportunidades, sempre na base de um processo desafiante e na busca da igualdade do género. Desta forma, conseguimos manter um equilíbrio emocional dos alunos, caso contrário, os estudantes pouco habilidosos vão sentir menos atenção dos professores, menos oportunidades de aprendizagem, sofrendo críticas dos professores e dos colegas (Rosado & Mesquita, 2009). Passando agora para análise da terceira pergunta (tabela da Figura 10), verificamos os 60% da falta

de auxílio, por parte dos rapazes, na situação de jogo. Esta percentagem, por incrível que pareça, é constituída por elementos dos dois sexos, não havendo supremacia de nenhum, o que demonstra que os próprios rapazes têm consciência desse aspeto negativo. As chamadas de atenção e os vários avisos durante a caminhada, contribuíram para esta percentagem, apesar de às vezes não ser fácil no momento do jogo, o facto de haver esta consciência, vai permitir eliminar este tipo de comportamento, de forma mais rápida. Em relação aos 40%, reflete-se nos rapazes que tinham outro tipo de mentalidade, percebiam as dificuldades dos colegas e ajudavam no seu crescimento. De salientar que as raparigas também faziam parte desta percentagem, deixando claro, o auxílio prestado pelos vários colegas uns aos outros.

Todavia, tem vindo a assumir credibilidade a assunção de que a primeira razão da falta de sucesso, ou mesmo do desinteresse para a participação, se deve fundamentalmente à fragilidade da perceção da competência revelada pelas raparigas para a prática desportiva (Corbin, 2002).

A Crítica Construtiva e não depreciativa

No ambiente de aula ou de treino, é perfeitamente normal os alunos realizarem breves críticas sobre o desempenho dos mesmos, durante a tarefa ou no final da mesma. Este aspeto é importante no relacionamento dos alunos e na predisposição que os mesmos têm na aula. A forma como comunicamos tem de ser adequada, ou seja, o uso da crítica não pode ser depreciativa, com o intuito de prejudicar/deitar abaixo o colega de turma, deve, ao contrário, ser construtiva, dando alternativas viáveis ao mesmo tempo que incentiva.

Numa análise à tabela, onde se resumem os resultados obtidos, quanto à motivação, podemos verificar, na quarta pergunta, que trinta e cinco por cento dos alunos sofreram de críticas negativas por parte dos colegas. Esta percentagem tem de ser perceptível aos olhos do professor, caso contrário, poderá ganhar forma e ser um grão de areia preocupante na engrenagem da aprendizagem.

Temos vindo a perceber que a criação de ambientes positivos e um relacionamento afetivo entre os vários intervenientes traz grandes benefícios ao processo ensino-aprendizagem, permitindo chegar a níveis de aprendizagem superiores. Aliás, segundo Portman (1995), a relação entre os vários estudantes pode influenciar o ambiente e aprendizagem, as relações entre pares transportam vários riscos emocionais, principalmente nas críticas.

A dimensão relacional teve um grande papel ao longo desta caminhada, da mesma forma que preservava a ligação com os alunos, proporcionava a mesma entre eles, acreditando que é um fator relevante para o sucesso dos mesmos. A relação entre os alunos pode ser hostil ou amigável, competitiva ou colaborativa, cabe ao professor canalizar, da melhor forma, o tipo de relacionamento, um ambiente de comunicação afetiva, onde as ideias são verbalizadas e influenciam o desempenho uns dos outros, assim como interações amigáveis, respeitando os colegas de turma (Rosado & Mesquita, 2009, p.191).

No decorrer das várias aulas, mais nas situações competitivas, alguns alunos não conseguiam lidar com o sentimento de derrota ou falha do colega, acabando por ter atitudes negligentes que nada contribuem para uma atmosfera de aprendizagem. As situações competitivas podem trazer atitudes menos positivas, nestes casos, é importante o professor tomar uma posição em relação às mesmas, mostrando um claro desagrado perante os alunos e protegendo os discentes que estejam a ser alvo de críticas.

Em síntese, o ambiente relacional, é determinante na satisfação pessoal dos vários intervenientes na aula, na manutenção da disciplina, no empenho nas tarefas e no crescimento sócio afetivo dos alunos.

Conclusões do Estudo

O grande propósito deste estudo enquadra-se na motivação dos alunos para as aulas de EF, no sentido de perceber se eles ficaram mais ou menos motivados em relação aos anos anteriores. Posteriormente, importou perceber o que levou a essa maior ou menor motivação.

Em relação à primeira parte, todos os alunos responderam sentir-se mais motivados, durante as aulas de EF, ficando apenas por perceber, o que poderá ter levado a essa maior motivação. Todas as causas enumeradas a seguir não representam a totalidade mas, sim, uma certa parte desta conquista. Existem vários agentes na órbita motivacional dos alunos, estes são só alguns que se destacaram, durante a análise de dados, contudo, não deixam de ser elementos fundamentais para a construção de uma caminhada recheada de motivação e significado.

Na verdade, os quatro primeiros subtítulos, após a sua conquista, funcionam sempre como potenciadores de uma prática pedagógica de sucesso. Os alunos passaram mensagem que as aulas eram dinâmicas e não havia lugar para monotonia, ou seja, aulas muito repetitivas ou paradas. A atmosfera e o relacionamento vivido durante as aulas, marcou pela positiva, muito devido à minha personalidade, aliada sempre ao trabalho e à boa disposição. Em termos motivacionais, traz ganhos aos alunos e ao próprio professor, elevando os níveis de aprendizagem para patamares superiores. Esta ligação com os alunos foi conquistada durante as aulas e fora das mesmas. Durante os intervalos foram vários os momentos de diversão e boa disposição que, de forma natural, teve relevância na atmosfera criada na aula.

A competência percebida, tem de ser levada em conta, principalmente, no momento de planear, garantindo que os alunos vão ter uma taxa de sucesso e insucesso equilibrada, mantendo-se na zona de aprendizagem. Por vezes, o nível de dificuldade é tão elevado, que o aluno não tem ferramentas para responder. Desta forma não estamos a contribuir para a evolução do aluno mas a afetar negativamente o seu estado emocional. A reflexão é um instrumento que vai evitar este tipo de situações, levando-nos a perceber o que correu menos bem durante o processo. Em seguida iremos realizar alterações e voltar a refletir

sobre as mesmas, um ciclo que nos vai levar a níveis de sucesso cada vez maiores.

Em relação à aparência e cultura desportiva, estes são elementos que podem mexer com os níveis de motivação a muito curto prazo. Nos elementos anteriores, o fator tempo tem influência, ou seja, só com o passar do tempo é que estes começam a contribuir de forma incessante para o processo. Estes dois elementos, podem ter preponderância no imediato. Um professor com uma vasta cultura desportiva pode tornar todo o processo mais significativo, realizando exercícios inovadores e trazendo para a aula temas de grande relevância. Desta forma, vamos conseguir conquistar os alunos logo nos primeiros momentos, ultrapassando as primeiras barreiras de relacionamento de forma particular.

Em relação à aparência, os alunos acreditam que a disciplina pode ter influência, neste sentido, se o momento de recolha fosse no início do ano letivo, este era um dos aspetos que teria de ser alimentado, criando, nos alunos, hábitos de saúde e pratica de exercício físico.

O próximo tema tanto pode contribuir para um aumento dos níveis motivacionais, como para a quebra dos mesmos. A referida “balança” tem de estar equilibrada durante o processo delineado, caso contrário, pode funcionar como fator desmotivacional para alguns alunos. Apesar de a grande maioria gostar das situações competitivas, existe um aluno que não partilha da mesma opinião dos colegas, o que vem comprovar as atitudes dispensáveis de alguns colegas, uma realidade que tem de ser gerida pelo professor.

Nos últimos dois tópicos, o papel dos rapazes e a crítica foram duas peças que poderiam ter contribuído para um estado motivacional diferente, levando a um desalento por parte de alguns alunos. Neste sentido, é de grande relevância, ter uma perceção eficaz do processo e cortar pela raiz este tipo de atitudes, que nada tem a ver com os valores desportivos.

Bibliografia Estudo

- Abreu, I. (1995). *A formação pessoal e social na Escócia*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Carlson, T. B., & Hastie, P. A. (1997). The student-social system within sport education. *Journal of Teaching in Physical Education*, 16, 176-195.
- Davidoff, L. (2001). *Introdução à Psicologia*. São Paulo: Makron Books.
- Edmunds, J., Ntoumanis, N., & Duda, J. L. (2009). Helping your clients and patients take ownership over their exercise: fostering exercise adoption, adherence, and associated well-being. *ACSM's Health & Fitness Journal*, 13(3), 20-25.
- Ferreira, M. (2000). A competição na Educação Física Escolar. *Motriz*, 6(2), 97-100.
- Gomes, B. & Júnior, C. (2013). Educação Física escolar: inclusão, equidade e competição-conceitos e ações. *Evidência*, 8(9), 97-111.
- Hassandra, M., Marios, G., & Chroni, S. (2003). Examining factors associated with intrinsic motivation in physical education: a qualitative approach. *Psychology of Sport and Exercise*, 4, 211-223. doi.org/10.1016/S1469-0292(02)00006-7
- Hastie, P. A. (1997). Factors affecting the creation of a new ecology in a boys-only physical education class at a military school. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 68, 62-73.
- Lüdorf, S. M. A. (2009). Corpo e formação de professores de educação física. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 13(28), 99-110.
- Martini, M. L., & Boruchovitch, E. (2004). *A teoria da atribuição de causalidade: contribuições para a formação e atuação de educadores*. Campinas: Alínea.
- Múrcia, J. A., Blanco, M., Galindo, C., Villodre, N., & González, D. (2007). Efeitos do género, a idade e a frequência de prática na motivação e o desfrute do exercício físico. *Fitness & Performance Journal*, 6(3), 140-146 doi:10.3900/fpj.6.3.140.p
- Nicholls, J. G. (1989). *The competitive ethos and democratic education*. Cambridge, MASS: Harvard University Press.

- Portman, P. A. (1995). Who is having fun in physical education classes? Experiences of sixth grade students in elementary and middle schools. *Journal of Teaching in Physical Education*, 14, 445-453.
- Rosa, D. (2009). *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2000). Intrinsic and Extrinsic Motivations: classic definitions and new directions. *Contemporary Educational Psychology*, 25(1), 54-67.
- Tjeerdsma, B., Rink, J. E., & Graham, K. C. (1996). Student perception, values, and beliefs prior to, during, and after badminton instruction. *Journal of Teaching in Physical Education, Champaign*, 15, 464-476.
- Weiss, M. R. (2000). Motivating Kids in Physical Activity. *President's Council on Physical Fitness and Sports Research Digest*, 3(11).

Conclusão Geral

Um ano que ficará para sempre na minha memória, na certeza de que tudo fiz para servir a escola da melhor forma possível. Uma escola que me acolheu de braços abertos e permitiu-me começar a construir a minha identidade enquanto futuro professor de EF. Ao longo do processo fui colocando as minhas ideias em prática, e percebendo se a minha forma de pensar estava a ser a mais correta, tendo em conta sempre o contexto envolvente. Neste sentido, os meus colegas de estágio, a professora cooperante e o nosso orientador de estágio, foram peças fundamentais para o meu crescimento, foi com eles que tive vários momentos de partilha de informação, quando a dúvida se apoderava de mim, fazia questão de partilhar com estes, e em grupo tomar a melhor decisão possível. A tomada de decisão deve ser pessoal e cada um de nós deve ter a sua forma de pensar, no entanto, as decisões não podem ser tomadas de forma individual, o que torna este ano especial é a partilha de ideias e as experiências vividas com os vários intervenientes do sistema. Ao longo desta caminhada tive o privilégio de beber de algumas “fontes” que me alimentaram e ao mesmo tempo deixaram-me com sede de mais, por exemplo, os vários momentos com o nosso orientador, um senhor da educação, que nos clarificava o caminho, sempre que este se encontrava nublado, mas ao mesmo tempo deixava-nos coordenadas de novos locais a visitar, um ciclo vicioso, que só entra quem verdadeiramente sente paixão por aquilo que faz.

Aos meus alunos, sou-lhes grato por este ano fantástico, acolheram-me da melhor forma possível e até aos dias de hoje ainda mantenho ligação com alguns deles. Através dos alunos temos o privilégio de perceber o ponto de situação, do processo, através das suas atitudes e forma de estar nas aulas, facilmente percebemos se realmente fizemos a escolha certa ou se é preciso alterar algo para dar um novo rumo ao processo.

Depois deste ano recheado de novas experiências e colocar-me na pele de professor, tenho a certeza que fiz a escolha mais acertada, aquela que me faz levantar da cama sem pensar duas vezes, a que me faz sorrir enquanto trabalho, a que me deixa de coração cheio ao final do dia e acima de tudo o amor e paixão que tenho por aquilo que faço, isso ninguém me pode tirar.

Bibliografia

- Agrupamento, E. P. V. C., (2016). Projeto Escolar Educativo do Agrupamento de Escolas, ano letivo 2016/2017. Porto.
- Barros, S., Silva, D., & Vásquez, F. (2011). A prática docente mediada pelo estágio supervisionado. *Atos de Pesquisa em Educação*, 6(2), 510-520.
- Bento, J. (2003). *Planeamento e avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Cláudia, C., & Aline, B. (2017). Metodologia de ensino e aprendizagem sobre relacionamento interpessoal no ambiente de trabalho. *Revista Thema*, 14(1), 243-267.
- Coelho, M., & Guimarães, G. (2012). Educação, escola e formação. *Inter-Ação, Goiânia*, 37(2).
- Cohen, D. K., Raudenbush, S. W., & Ball, D. L. (2003). Resources, instruction, and research. *Educational Evaluation and Policy Analysis*, 25(2), 119-142.
- Graça, A. & Mesquita, I. (2007). A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos. *Revista portuguesa de ciências do desporto*, 7(3), 401-421.
- Henrique, J. & Januário, C. (2005). Educação Física escolar: a perspectiva de alunos com diferentes percepções de habilidade. *Journal of Physical Education, UNESP*, 37-48.
- Inácio, G., Graça, M., Lopes, D., Lino, B., Teles, A., Lima, T., & Marques, A. (2014). Planeamento na ótica dos professores estagiários de Educação Física: dificuldades e limitações. *Revista portuguesa de pedagogia*, 48(1), 55-67.
- Parente, B. (2015). *Formação de treinadores no contexto académico: o comportamento instrucional do professor e dos estudantes no âmbito da prática pedagógica*. Porto: B. Parente. Dissertação apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Rosa, A. (2012). *A motivação intrínseca e extrínseca na disciplina de Educação Física: as diferenças de género em alunos do ensino básico*. Covilhã: A. Rosa. Dissertação de Mestrado apresentado à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

- Rosado, A., & Ferreira, V. (2011). Promoção de ambientes positivos de aprendizagem. *Pedagogia do Desporto*, 185-206.
- Rosado, A. & Mesquita, A. (2009). *Pedagogia do Desporto*. Lisboa: FMH Edições.
- Siedentop, D. (1983). *Developing teaching skills in physical education (2ed.)*. Houston: Mayfield Publishing Company.

ANEXOS

Anexo I

Planeamento Anual Geral de Educação Física

1º Período				
Semanas	setembro	outubro	novembro	dezembro
	20 – 24 27 – 01	04 – 08 11 – 15 18 – 22 25 – 29	02 – 05 08 – 12 15 – 19 22 – 26	29 – 03 06 – 10 13 – 17

1º Período	2ºCEB		3ºCEB
	5ºano	6ºano	
	Aptidão Física (7)	Aptidão Física (7)	Aptidão Física (10)
	Atletismo (12) Corridas/Saltos	Atletismo (12) Corridas/Saltos	Atletismo (14) Corridas/Saltos
	Desportos de Raquetes (10)	Badminton (10)	Badminton (15)/7ºe 9º Ténis (15) / 8º
	Manipulação de Materiais (10)	Manipulação de Materiais (10)	-----
nº total de aulas: 39			

2º Período			
Semanas	Janeiro	Fevereiro	Março
	03 – 07 10 – 14 17 – 21 24 – 28	31 – 04 07 – 11 14 – 18 21 – 25	03 – 04 07 – 11 14 – 18 21 – 25 28 – 01 04 – 05

2º Período	2ºCEB		3ºCEB		
	5º ano	6º ano	7ºano	8ºano	9ºano
	Basquetebol (12)	Basquetebol (12)	Voleibol(12)	Voleibol(12)	Voleibol(12)
	Dança (10)	Dança (10)	Dança (12)	Dança (12)	Dança (12)
	Futebol (12)	Futebol (12)	Aptidão Física (10)	Aptidão Física (10)	Aptidão Física (10)
	Modalidades Alternativas (8)	Modalidades Alternativas (8)	Modalidades Alternativas (8)	Modalidades Alternativas (8)	Modalidades Alternativas (8)
nº total de aulas: 42					

3º Período			
Semanas	Abril	Maio	Junho
	19 - 22 26 - 29	02 - 06 09 - 13 16 - 20 23 - 27	30 - 03 06 - 07 (9º)-09 13 - 17 (5º,6º,7º, 8º)

3º Período	2ºCEB		3ºCEB		
	5º ano	6ºano	7ºano	8ºano	9ºano
	Voleibol (10)	Voleibol (10/8)	Futebol(10)	Futebol(10)	Futebol (7)
	Atletismo Lançamentos(5) Estafetas	Atletismo Lançamentos(7/6) Estafetas	Atletismo Lançamentos(5)	Atletismo Lançamentos(5)	Atletismo Lançamentos (5)
	Aptidão Física (7)	Aptidão Física (7) Natação(12)	Aptidão Física/Modalidades alternativas Natação (12)	Aptidão Física/Modalidades alternativas Natação (12)	Aptidão Física/Modalidades alternativas Natação (12)
nº total de aulas: 24 (9º) / 27 (5º, 6º,7º, 8º)					

Anexo II

Unidade Didática Voleibol

	DATAS	21/jan	21/jan	04/fev	04/fev	18/fev	18/fev	23/fev	09/mar	09/mar	18/mar	18/mar	25/mar	25/mar	01/abr	01/abr			
	AULAS	Nº 1	Nº2	Nº3	Nº4	Nº5	Nº6	Nº7	Nº8	Nº9	Nº10	Nº11	Nº12	Nº13	Nº14	Nº14			
Habilidades Motoras	Conteúdos		Avaliação Diagnóstica												Avaliação Sumativa				
	Técnica	Passo de Frente		I/E	E	E													
		Manchete								I/E	E	E	E	E					
		Serviço por Baixo					I/E	E	E										
	Tática	Zonas de Responsabilidade					I/E	E	E	E	E								
		Comunicação			E	E	E	E	E	E	E	E	E	E					
		2º Toque					I/E	E	E	E	E								
	Ações sem bola	Posição Média		I/E	E	E													
		Transição					I/E	E	E	E	E								
		Deslocamentos		I/E	E	E													
	Jogo	1x1		I/E	E	E													
		2x2						I/E	E	E	E	E	E	E		E			
	Cultura Desportiva	Ao longo das aulas, nos momentos de instrução, o professor irá referir regras, conteúdo progrmático e características específicas da modalidade, dando asim mais conscinetecnia ao processo vivenciado																	
	Capacidades Motoras	Exercícios da aula procuram visar as capacidades mais importantes e específicas da modalidade; Capacidade coordenativa (controlo motor, reação motora); Capacidade Condicional (força e velocidade de reação)																	
	Conceitos Psicossociais	Ao longo das aulas, o professor irá incutir a necessidade dos alunos apresentarem espirito de equipa/ cooperação, superação, concentração, empenho, determinação e respeito, conceitos psicossociais considerados fundamentais nesta modalidade.																	

Unidade Didática Dança

		Tempos	Janeiro		Fevereiro				Março	
			I	II	I	II	I	II	II	I
			19/jan	28/jan	02/fev	11/fev	16/fev	25/fev	11/mar	16/mar
Temas	Conteúdos									
	Noção de Corpo			I/E	E					
	Noção Espaço				I/E					
	Noção de Tempo		I/E	I/E	E					
	Noção de Relacionamento			I/E	E					
	Criatividade				I/E	E	E	E	E	E
Capacidades Motoras	Coreografia		I/E			E	E	E	E	E
	Ritmo	Estes conteúdos estão presentes em todas as aulas, através dos exercícios realizados								
	Diferenciação Cinestésica									
	Orientação Espacial									
	Expressão Motora									
Conceitos Psicossociais	Flexibilidade	Estes conteúdos vão estar presentes em todas as aulas, sendo respeitados nos vários momentos da aula.								
	Empenho									
	Disciplina									
	Respeito									
	Autonomia									
	Cooperação									

Anexo III



Estágio Profissional



PLANO DE AULA			
Professor: Fábio Taborda	Ano: 8º	Data: 27/4/2022	Aula nº: 81
Professor Cooperante: Helena Abrunhosa	Turma: A	Nº de alunos: 20	Período: 2
Unidade Didática: Futebol	Local: Escola Pêro Vaz de Caminha	Hora: 12:15h – 13:05h	Material: Cones; Bolas
Função Didática: Exercitação	Espaço: Pavilhão	Duração: 50' (35' útil)	
Objetivos: Exercitar o passe e o controlo de bola; Perceber os conceitos penetração e contenção no jogo 3x3+J; Espírito de equipa; Cooperar com os colegas e professor; Superar as adversidades; Respeitar os vários intervenientes da aula. Observações:			

Parte da Aula	TP	Objetivos Comportamentais	Situação de Aprendizagem	Organização Didática Metodológica/Esquema	Componentes Críticas
Inicial	5'	Os alunos permanecem nos devidos locais em silêncio, atendendo ao que o professor diz.	Conversa com os alunos para estes ficarem a par da dinâmica da aula e registar as presenças dos mesmos.	- Os alunos encontram-se sentados nas zonas delimitadas de frente para o professor, com o devido distanciamento.	- Atenção; - Participação; - Sentados



Estágio Profissional



	10'	O aluno passa pelo maior número de portas, individualmente e com o seu par.	As portas com Valor A turma vai estar dividida em cada metade do pavilhão. Em cada meio campo vão estar espalhadas "portas" que os alunos vão explorar consoante o feedback do professor. Primeiramente vão conduzir a bola com o pé dominante, em seguida não dominante e depois com os dois pés. Após isso vão fazer duplas e através do passe a bola tem de passar pelas portas. Todos estes últimos casos vão ser realizados em contexto competitivo, havendo nomeação dos vencedores de cada campo, feminino e masculino. Nos momentos de descanso os alunos vão realizar toques, mantendo o contexto competitivo.	Os alunos encontram-se distribuídos em cada meio campo, dez em cada lado.	- Bola junta ao pé - Cabeça Levantada - Comunicação - Competição - Coordenação dos MI equipa
--	-----	---	--	---	---

Fundamental	15'	O aluno que tem posse de bola, concretiza nas portas adversárias. O aluno que não tem bola impede a tentativa de golo da outra equipa	3x3 + Joker Em cada meio campo vão estar três equipas, duas em jogo e outra a servir de apoio. Na situação de jogo vai existir um joker de forma a facilitar ainda mais o jogo à equipa com bola. A cada 2'30" as equipas trocam, nos últimos 30" as equipas são avisadas do termino do exercício. As duas equipas terão de defender duas portas formadas na linha final de cada campo.	Os alunos estão distribuidos pelos respetivos campos. Duas equipas de quatro e quatro equipas de três elementos	. Respeitar as regras do jogo . Cooperar com o colega Marcar golo na baliza adversária . Não sofrer golos
Final	5'	*Cada aluno procede à conduta da sua higiene pessoal	Muda de Roupa e Higienização: Dos alunos e dos respetivos lugares	Manutenção de todas as regras de segurança e distanciamento	. Organização . Distanciados

Anexo IV



"Questionário para os alunos "



Dados pessoais

Género: Masculino X Feminino_____

Idade: 14 anos

Para o término do Mestrado em Ensino da Educação Física no Ensino Básico e Secundário, pretendo elaborar um estudo sobre "Fatores de Motivação ou Desmotivação para as aulas de Educação Física.

Com este questionário pretendo determinar os motivos que podem levar os alunos a aderir ou não às aulas de educação física .

O questionário é anónimo, não há respostas verdadeiras ou falsas, as respostas são confidenciais e ninguém terá acesso a elas, com a exceção do investigador.

Em relação a anos anteriores, este ano sentiste maior ou menor motivação para realizar as aulas de educação física?

Maior ☐ Menor ☐

Nota: Considera cada frase expressa e indica uma cruz no nível que melhor reflete o que sentes acerca dela.

+

	Nunca	Poucas vezes	Muitas Vezes	Sempre
As aulas são repetitivas				
O pavilhão é muito desconfortável				
Os rapazes ajudam as meninas a participar nos jogos				
Os meus colegas criticam-me quando falho				
Gosto das atividades propostas pelo professor				
Tenho vergonha do meu corpo				
Tenho medo de me magoar				
Sinto-me mal quando erro				
O facto de suar nas aulas desinteressa-me de as fazer				
Gosto das situações competitivas que ocorrem nas aulas				
Sinto que a Educação Física é importante para a aprendizagem do desporto				
Sinto que a Educação Física é importante para melhorar a minha aparência				
Sou incentivado pelos meus colegas				
Sinto prazer em realizar as atividades propostas				
Sinto-me bem a jogar com os meus colegas				
Sinto-me capaz para realizar as atividades propostas				
Gosto da diversidade de atividades nas aulas				
Gosto das situações competitivas criadas nas aulas				
A interação com os colegas deixa-me animado para participar nas aulas				
Quando erro, o professor procura dar-me confiança.				

Obrigado!!!

Anexo V



FUTEBOL

**TODOS OS ESCALÕES
MASCULINO / FEMININO**

**TERÇAS-FEIRAS
13.10/13.40H**

**HELENA ABRUNHOSA
ANDRÉ SALGADO
FÁBIO TABORDA**

CAMPO SINTÉTICO - PAVILHÃO GIMNOESPORATIVO DA EB PÉRO VAZ DE CAMINHA